

Universidade de São Paulo  
Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas – FFLCH  
Departamento de Letras Modernas  
TGI (Trabalho de Graduação Individual) 2008  
Orientador (a): Profª Drª. Marisa Grigoletto

# **A GUERRA DO IRAQUE**

## **EM DISCURSOS**

### **PRESIDENCIAIS: UM**

#### **ESTUDO DISCURSIVO**

Aluno: Kurt Davi Goulart Brum

## **SUMÁRIO**

### **Seção 1 – Introdução – 3**

### **Seção 2 – O discurso político e os meios de comunicação – 7**

2.1 – O discurso político midiaticizado - 10

### **Seção 3 – A representação de atores sociais dentro de um discurso – 12**

3.1 – Determinação e Indeterminação – 15

3.2 – Avaliação (Appraisal) – 22

3.3 – Objetivação - 25

3.4 – Modos de construção simbólica - 27

### **Seção 4 – Interdiscurso, intertextualidade e memória discursiva sob o prisma da Análise do Discurso e da Análise Crítica do Discurso – 30**

4.1 – Os conceitos de interdiscurso, intertextualidade e memória discursiva na concepção da Análise do Discurso – 31

4.2 – O conceito de intertextualidade na Análise Crítica do Discurso – 33

4.3 – A memória discursiva – 34

4.4 – A intertextualidade no corpus sob a perspectiva da Análise Crítica do Discurso - 40

### **Seção 5 – O conceito de ideologia na Análise do Discurso e na Análise Crítica do Discurso – 43**

5.1 – Legitimação: Racionalização, Universalização e Narrativização – 46

5.2 – Estratégia de Construção Simbólica: Tropo – 49

5.3 – Estratégia: Padronização, eufemização e expurgo do outro - 51

### **Seção 6 – Análise do pronome pessoal ‘we’ – 52**

6.1 – O funcionamento do pronome ‘we’ dentro do discurso político – 55

6.2 – “We” inclusivo e exclusivo - 60

### **Seção 7 – Conclusão – 63**

### **Referências Bibliográficas – 66**

### **Anexos - 68**

## **1. Introdução**

Este trabalho está inserido dentro do contexto da guerra do Iraque de 2003, conflito iniciado com ataques norte-americanos através de pesados bombardeios aéreos ao território iraquiano. Vale lembrar que a guerra está dentro da política de antiterrorismo empreendida pela administração Bush.

A chamada “Guerra ao Terror” é uma resposta do governo norte-americano aos atentados terroristas que o país sofreu em 11/09/2001. A atual guerra do Iraque se justifica, de acordo com a ótica da Administração Bush, como um ato de autodefesa, já que o governo estadunidense, no início da invasão afirmava que o regime liderado por Saddam Hussein era um patrocinador e, portanto, um financiador de grupos terroristas. Os Estados Unidos também afirmavam que o governo de Saddam poderia estar desenvolvendo armas de destruição em massa que, fornecidas a grupos terroristas, poderiam empreender ataques ainda mais mortíferos contra a nação norte-americana.

Lembramos que esse ataque estadunidense ao Iraque não obteve o aval do Conselho de Segurança da ONU, órgão máximo da instituição que reúne os cinco países vencedores da Segunda Guerra Mundial (Estados Unidos, Reino Unido, França, Rússia e China), e que, portanto, foi uma invasão unilateral, embora o presidente Bush em 2002 tenha classificado o Iraque como integrante do “Eixo do Mal”, junto com Coreia do Norte e Irã, países que patrocinariam atividades terroristas ao redor do mundo.

Diante da negativa do Conselho de Segurança, já que só o Reino Unido tinha apoiado a invasão, e que, para se obter o apoio do organismo internacional, seria necessário o consentimento de todos os membros do CS, os Estados Unidos empreenderam uma ofensiva militar contra o território iraquiano com o apoio do Reino Unido e de outros países que não pertenciam ao Conselho de Segurança da ONU.

Nos momentos que precederam o conflito e mesmo durante o embate, há uma tentativa do governo americano de naturalizar o confronto, seja através dos discursos de seu líder máximo, George W. Bush, seja através de meios de comunicação, tais como televisão e rádio ou, ainda, por meio de supostas provas de que o regime iraquiano

mantinha laços com organizações terroristas e estava desenvolvendo armas de destruição em massa (ADM), representando, assim, uma clara ameaça aos Estados Unidos.

O propósito da pesquisa é analisar a constituição dos discursos do atual presidente norte-americano George Walker Bush no início da guerra do Iraque. O período que compreende os discursos é de 17/03/2003 a 01/05/2003. Este recorte temporal começa com o ultimato que o líder estadunidense deu a Saddam Hussein e seus filhos para saírem do Iraque a fim de evitar o confronto militar, discurso do dia 17/03/2003, e termina em 01/05/2003, data que o presidente Bush estabeleceu para o fim dos principais combates em solo iraquiano.

Ao todo, dentro de um universo de 23 discursos, escolhemos 7 para a análise sob o prisma da Análise do Discurso. As datas dos discursos são as seguintes: 17/03/2003, 19/03/2003, 22/03/2003, 23/03/2003, 29/03/2003, 05/04/2003 e 01/05/2003.

Escolhemos os discursos citados por se tratar de textos mais relevantes para os propósitos desta pesquisa, como, por exemplo, o discurso de 17/03, quando Bush estabelece um ultimato a Saddam Hussein e a seus filhos para que deixem a nação árabe a fim de evitar o conflito militar.

Outros dois discursos dentro dessa coletânea que possuem valor significativo dentro desse contexto são os discursos de 19/03/2003 e 01/05/2003. O primeiro é importante já que se trata do início da ocupação militar e George Bush explica o propósito dos primeiros ataques militares e, portanto, noticia à nação o começo da ação militar.

Em relação ao discurso de 01/05/2003, ele simboliza o chamado fim dos principais combates da guerra, já que o exército americano tinha chegado a Bagdá e derrubado a estátua de Saddam Hussein, simbolizando assim a queda do antigo regime.

Os outros discursos foram escolhidos devido a sua importância para a nossa análise, uma vez que eles possibilitariam a pesquisa sobre atores sociais, sobre o funcionamento da memória discursiva e ideologia, além da identificação da relação de interdependência entre os discursos políticos e os meios de comunicação. Os discursos de 22/03, 29/03 e 05/04 foram proferidos pelo presidente Bush e endereçados à população por meio de ondas de rádio, e o discurso de 23/03 é uma entrevista coletiva da qual o presidente estadunidense participa, evidenciando o grande envolvimento entre os políticos e os meios de comunicação

Com base na Análise do Discurso, que tem como expoente Pêcheux, e na Análise Crítica do Discurso, da perspectiva de Fairclough, temos o propósito de buscar a compreensão de conceitos como intertextualidade, interdiscurso e memória discursiva e entender como se articulam esses conceitos, visto que fatos do passado são constantemente rememorados nos discursos de Bush, especialmente os atentados de 11 de setembro de 2001.

A representação dos atores sociais, bem como a ideologia que perpassa os discursos também serão investigadas e, com base nessas duas vertentes teóricas, o presente trabalho buscará a compreensão dos efeitos de sentido no que se refere à forma como os atores sociais são representados, assim como a ideologia que permeia os discursos do estadista.

Nosso trabalho está dividido em sete seções, que são as seguintes: introdução, relação dos meios de comunicação com os discursos políticos, representação de atores sociais, uma quarta seção dedicada ao interdiscurso, intertextualidade e memória discursiva, a quinta, à ideologia, uma sexta seção que apresenta a análise do pronome ‘we’ e a conclusão.

A partir da seção dois até a seção seis, apresentaremos um quadro teórico e depois a análise do corpus com base nas teorias sobre determinado conceito. Essas seções serão estruturadas da seguinte maneira: a seção 2 terá o título de “O discurso e os meios de comunicação” e tratará sobre a relação dos meios de comunicação com os discursos políticos. As teorias de Courtine (2003 e 2006), Gregolin (2003) e Fairclough (1995) serão utilizadas em nossa análise teórica, para que na seção subsequente sirva de base para a análise do corpus.

A seção 3 tem como título “A representação de atores sociais dentro de um discurso” e, nela, serão utilizadas as teorias de Ramalho e Resende (2006) e Van Leeuwen (1996) sobre o tema. Nas seções seguintes será feita a análise de como os atores sociais são representados nos discursos pertencentes ao corpus e os efeitos de sentido construídos por meio dessa representação. O conceito de Thompson<sup>1</sup> sobre os modos gerais da ideologia será utilizado nessa seção e na seção dedicada à ideologia.

A seção 4 terá o título “Interdiscurso, intertextualidade e memória discursiva sob o prisma da Análise do Discurso e da Análise Crítica do Discurso”. Esses conceitos serão

---

<sup>1</sup> THOMPSON, J. B. Ideologia e cultura moderna. Petrópolis: Vozes, 1995. (apud Ramalho e Resende 2006)

expostos a partir da leitura de Brandão (2004), Grigoletto (2002) e Orlandi (2007), sob a ótica da Análise do Discurso, e de Fairclough (1992) e Ramalho e Resende (2006), sob o prisma da Análise Crítica do Discurso. Dividiremos esta seção entre as duas perspectivas, salientando as suas semelhanças e diferenças. A análise do corpus também seguirá o mesmo padrão, na tentativa de compreensão das relações do discurso sob análise com seu exterior, isto é, com outros discursos e com uma memória sedimentada no espaço nacional.

A seção 5 terá como título “O conceito de ideologia na Análise do Discurso e na Análise Crítica do Discurso” e as teorizações de Brandão (2004), Orlandi (2007) e Ramalho e Resende (2006) serão abordadas e servirão de base para a análise da ideologia que perpassa os discursos pertencentes ao corpus. Lembramos que o arcabouço de Thompson, que será utilizado primeiramente na seção sobre a representação dos atores sociais, também será utilizado na compreensão dos modos de operação da ideologia no discurso sob análise.

Por fim, o título da seção 6 será “Análise do pronome pessoal ‘we’” e as perspectivas teóricas e analíticas expostas em Indursky (1996), Grigoletto (2002) e Wilson (1990) serão abordadas. Em relação a Indursky, a autora apresenta as diferentes ocorrências do pronome ‘nós’ nos discursos dos presidentes do Brasil da época do Regime Militar. Transporemos a teoria de Indursky para o nosso contexto, a fim de analisar o nosso corpus. Já em relação a Grigoletto e Wilson, o conceito de ‘we’ inclusivo e exclusivo será discutido e aplicaremos essa teorização em nossa análise.

Por meio das vertentes teóricas já citadas, temos o objetivo de responder as seguintes perguntas: Como os discursos de Bush mobilizaram sentidos já sedimentados na memória do povo norte-americano? De que forma os atores sociais são representados nos discursos? Qual a ideologia que perpassa os discursos do presidente estadunidense? Que relação se estabeleceu entre os discursos de Bush e os meios de comunicação?

Com base nessas perguntas e nas teorias que abordaremos, a presente pesquisa visa à compreensão dos conceitos teóricos citados e de que maneira podemos entender os discursos de Bush sob a luz da Análise do Discurso. Além disso, procuraremos entender determinados efeitos de sentido produzidos nos discursos proferidos pelo estadista americano.

## **2. O discurso político e os meios de comunicação**

Nesta seção, temos o objetivo de apresentar a importância dos meios de comunicação na difusão dos discursos políticos, e a relação que se estabelece entre as duas instâncias. Utilizaremos as teorias de Fairclough (1995), Courtine (2003 e 2006) e Gregolin (2003) para explicar a relação entre os discursos políticos e os meios de comunicação.

Fairclough afirma em seu trabalho que é inegável a relação que se estabeleceu entre os discursos políticos e a mídia, uma vez que os discursos são endereçados ao público-alvo através dos meios de comunicação. O autor ressalta que a maioria dos discursos políticos é mediada pelos meios de comunicação:

An external description of the interface between political and media discourse, should not blind us to the fact that much political discourse is open to being reported and represented in the media, so that politicians even in the parliamentary discourse are partly addressing each public in anticipation of mediatization, as well as addressing each other. The televising of Parliament has aggravated this tendency. (p. 183)

Exemplo dessa relação entre os discursos políticos e a mídia são as entrevistas políticas entre um profissional da política e os repórteres da televisão ou do rádio. Essas conversas não são privadas, mas são amplificadas pelos meios de comunicação até chegar aos telespectadores, quando se completa a interação político, repórter e audiência. Há, portanto, uma ligação entre o discurso de um profissional da política e as pessoas comuns. Essa característica dos discursos políticos midiáticos é apresentada pelo autor no seguinte fragmento: “Political interviews are not, of course, private conversations, they are interactions with audiences” (p.189)

O político utiliza os meios de comunicação como uma forma de se comunicar com o seu público e, assim, exercer a sua influência sobre os meios de comunicação. Com o crescimento do público telespectador no decorrer dos anos, os meios de comunicação cresceram em termos de influência, e os políticos tiveram que se adequar a essa nova realidade.

Atualmente, a relação entre os produtores dos discursos e os meios de comunicação é ambivalente, pois em certos momentos parece que os políticos manipulam a mídia, mas em certos casos, a mídia parece manipular os profissionais da política. Essa ambivalência entre as duas instâncias é apresentada da seguinte maneira por Fairclough:

In certain cases, it may seem that the media control the politicians, in others that politicians manipulate the media in complicity with journalists. In many cases, as here, the relationship is ambivalent. (p.197)

O discurso político midiaticizado é definido por Fairclough como uma área de intersecção e tensão entre as ordens do discurso de políticos profissionais e as da mídia. A ordem do discurso midiaticizado é definida por Fairclough como:

The order of mediaticized political discourse, like other orders of discourse, can usefully be regarded as a domain of cultural hegemony which is constantly open to hegemonic struggle, a struggle for power within media institutions which will relate, if in possibly complex and indirect ways, to struggles for power in the wider society (p.199)

Fairclough utiliza o termo ‘colonization’ para ilustrar a relação entre a política e os meios de comunicação, ou seja, de acordo com o autor, em alguns casos a política parece ser colonizada pelos meios de comunicação, mas em outros momentos os meios de comunicação parecem ser colonizados pela política.

O autor conclui que essa relação de dependência mútua entre as duas instâncias é uma relação de contradição, de oscilação entre harmonia e tensão, confiança e suspeita. Portanto, relação entre o discurso político e a mídia é uma relação inerentemente instável.

Trabalhando com esse mesmo conceito de relação entre as esferas política e midiática, Gregolin (2003) apresenta a relação dialética entre a política e a mídia e a influência que uma tem sobre a outra: “Instaurou-se uma relação dialética entre a politização da mídia – já que o discurso político passou a ocupar grande espaço nos veículos – e, ao mesmo tempo, a midiaticização da política” (p.13).

Com a midiaticização da política, Courtine (2003) afirma que há a supressão da platéia e, conseqüentemente, a passividade da audiência. O autor ressalta que com a relação



de interdependência entre política e mídia, foram criados os seguintes efeitos na relação entre orador e platéia:

Suprimidos os acasos e os perigos da massa, tornam-se impossíveis, a partir de então, as reações repentinas que podiam surgir da assembléia. Mas foram desfeitos, também, os laços que a eloquência tecia entre o orador e o seu público, a convivência que os unia, o apoio que ele nisso encontrava, as aclamações a que suas palavras levavam e que decuplicavam o seu poder. (p.26)

A eliminação de uma reação inesperada entre o público e o orador, assim como a relação próxima que o político tem com a sua platéia quando está discursando ao vivo foram as conseqüências criadas pela relação política-mídia. O autor prossegue a sua análise denominando essa nova relação que se estabeleceu entre orador e público como “proximidade longínqua”.

O autor apresenta o termo “proximidade longínqua” como um fenômeno que produz dois efeitos: proximidade, já que com a utilização do aparato tecnológico é possível perceber aos mínimos movimentos e reações do político diante da tela, como por exemplo, expressões faciais. Entretanto, a relação entre o orador e a platéia é longínqua, porque a audiência não tem um contato pessoal direto com o político, mas somente uma relação com uma tela que reproduz a imagem de um político que está distante fisicamente de seu auditório.

Courtine (2006), em outra obra, trabalha com a “espetacularização” da política, proporcionada pelos meios de comunicação e suas tecnologias. O autor apresenta de que forma a relação política-mídia contribuiu para mudar o conceito de “teatralidade do espetáculo político”.

A teatralidade do espetáculo político se transformou profundamente com as novas mídias, que perturbaram o lugar da fala na comunicação política. O discurso perdeu sua autonomia e sua eficácia; ele é, desde então, indissociável da imagem do homem político e está freqüentemente subordinado a essa imagem. (p.112)

Com essa mudança proporcionada pela relação entre a política e os meios de comunicação, o foco do discurso político também mudou e, segundo o autor, a prioridade é

capturar ao invés de convencer, e seduzir ao invés de explicar. Portanto, o discurso político teve que se adaptar com o advento das novas tecnologias nos meios de comunicação.

O propósito desta seção foi de abordar a relação dialética entre a política e os meios de comunicação, a influência que um tem sobre o outro e a transformação do discurso político em um espetáculo midiático.

## **2.1 O discurso político midiático**

O discurso político de hoje, principalmente de importantes líderes mundiais, que é o caso de Bush, utiliza cada vez mais os meios de comunicação para conseguir alcançar audiências nas regiões mais remotas de seu país ou de outros, como será exemplificado a seguir.

Nos exemplos que usaremos, o rádio e a televisão foram os veículos utilizados pelo presidente Bush, e o arquivo a que tivemos acesso estava armazenado em outro veículo de comunicação, a Internet.

O que podemos deduzir é que há uma relação de interdependência entre o discurso político e os meios de comunicação, já que os discursos políticos necessitam dos meios de comunicação para que os dizeres do locutor sejam ouvidos por platéias que não estão no local exato em que o evento é realizado, e os meios de comunicação, por sua vez, utilizam o político para atingir notabilidade e audiência, uma vez que estão transmitindo, muitas vezes ao vivo, importantes eventos da nação, como é o caso do discurso de um presidente de um país que está envolvido em uma guerra.

Em relação ao nosso corpus, percebemos que há uma preocupação de que os discursos sejam ouvidos por platéias que não se encontram no exato local em que eles são proferidos. Em um de seus discursos, há uma citação explícita do meio de comunicação utilizado para transmitir o discurso: “Many Iraqis can hear me tonight in a translated radio broadcast”. (17/03/2003).

É notado nessa passagem o objetivo de atingir uma audiência que está a milhares de quilômetros de distância e, com o advento do rádio que pôde transmitir o discurso do líder estadunidense, o propósito de atingir essa população foi atingido.

O presidente Bush continua a sua mensagem direta aos iraquianos com o auxílio das ondas de rádio e, dessa vez, se dirige não só à população mas também aos membros das forças armadas iraquianas: “And all Iraqi military and civilian personnel should listen carefully to this warning. In any conflict, your fate will depend on your action”.(17/03/2003).

Com o auxílio dos meios de comunicação de massa, que nesse caso é o rádio, a distância entre o político e a sua platéia é diminuída e nem a língua é considerada uma barreira, já que o discurso foi transmitido e traduzido para o árabe, a fim de que a população iraquiana compreendesse os dizeres do presidente norte-americano.

O rádio, assim como outros meios de comunicação, serve como um intermediador entre o político e uma platéia que está, em alguns casos, a milhares de quilômetros de distância do local onde o discurso é proferido. Portanto, através do rádio, o discurso de Bush é amplificado e há uma aproximação entre o presidente estadunidense e a sua suposta platéia iraquiana.

A relação de interdependência entre os discursos políticos e os meios de comunicação está presente também no seguinte exemplo de uma conferência de imprensa, transmitida ao vivo pela televisão, da qual o presidente Bush participou:

Larry.

Q Mr. President, do you know -- at this point, can you tell Americans, I mean, is the war progressing the way you expected it to?

THE PRESIDENT: Yes, Larry, it is. It is -- and I -- the air campaign is achieving its objective, and the ground campaign is also achieving objective. We're slowly, but surely, taking control of that country so that we can free the people of Iraq and eventually clear that country of weapons of mass destruction. We've made good progress. (23/03/2003)

No excerto apresentado acima, Bush participou de uma conferência de imprensa e discutiu o desenvolvimento do conflito. Percebemos o envolvimento íntimo entre os políticos e os profissionais de imprensa, já que no exemplo citado, o presidente chama o repórter pelo primeiro nome: “Yes, Larry, it is.”.

No exemplo citado, podemos compreender a relação estreita entre os meios de comunicação e os políticos, uma vez que os meios de comunicação podem transmitir ao vivo uma entrevista coletiva do presidente da nação, e este, por sua vez, tem a oportunidade de explicar para toda a nação, através da mídia, o desenrolar da guerra.

O efeito provocado pela relação políticos e meios de comunicação resulta, de acordo com o conceito de Courtine, na “proximidade longínqua”, visto que através dos meios de comunicação, que nesse caso é a televisão, há uma aproximação do político com a sua audiência. Em alguns casos, mesmo a audiência estando a milhares de quilômetros de distância do locutor, há a aproximação entre ambos, mas, de outra maneira, essa platéia também está distanciada do locutor do discurso, porque o que ela possui através da tela é a imagem do político e não o contato que ela teria se estivesse no local em que o discurso é produzido.

No caso do presidente Bush, é constatado que a grande maioria dos discursos foram transmitidos através do rádio ou através de conferências de imprensa transmitidas pela televisão. A internet também possui um papel importante no mundo contemporâneo, já que ela tem o poder de armazenar as informações em um determinado site, de modo que as pessoas que não tiveram acesso ao discurso no momento em que ele foi proferido podem acessá-lo através da rede mundial de computadores.

Portanto, tanto no corpus analisado, como nos discursos políticos em geral, os meios de comunicação e os discursos possuem uma relação íntima e de interdependência cujo objetivo é atingir uma audiência cada vez mais abrangente. Na próxima seção, trabalharemos com a teorização sobre os atores sociais e como eles são representados em um discurso.

### **3. A representação de atores sociais dentro de um discurso**

Nesta seção abordaremos os conceitos sobre a constituição de atores sociais dentro de um discurso. Em relação aos atores sociais, utilizaremos a teoria de van Leeuwen (1996) e sua interpretação pelas autoras Resende e Ramalho (2006).

Segundo as autoras Resende e Ramalho, a representação dos atores sociais pode indicar posicionamentos ideológicos. Um exemplo disso seria a utilização da palavra ‘terrorista’, que no contexto ocidental da atualidade nomeia, na maioria das vezes, fundamentalistas islâmicos, mas que no passado era utilizado para designar os comunistas do Leste europeu.

Para van Leeuwen, as representações dentro do discurso podem incluir ou excluir os atores sociais, dependendo dos interesses dos formuladores do discurso e do público ao qual o texto se dirige.

Um exemplo de inclusão do ator social no discurso seria a ativação, quando o indivíduo é representado ativamente no discurso, como em uma manchete de um jornal, onde poderia aparecer a seguinte notícia: “O presidente X criou mais incentivos para a indústria nacional”.

A exclusão, de outra maneira, pode utilizar a passivização para ocultar um fato e, assim, excluir um ator que efetuou uma determinada ação. Um exemplo seria “100 manifestantes foram mortos ontem”, em que não teríamos na manchete a citação do responsável pelos assassinatos.

Van Leeuwen trabalha com outras categorias de representação social, que serão apresentadas ao longo desta seção.

Uma dessas categorias de representação é a indeterminação, que ocorre quando os atores não são especificados dentro do discurso, ou seja, quando se tornam anônimos para a audiência. Algumas palavras dentro do discurso indicam a indeterminação, como ‘alguém’ e ‘algumas pessoas’. A determinação, ao contrário, especifica o ator social, e este torna-se visível para o leitor.

Em relação à especificação dos atores sociais, eles podem aparecer mais explicitamente dentro do discurso através da nomeação, funcionalização e identificação.

A nomeação é realizada através dos nomes próprios, e indica a valorização do ator social dentro do discurso. A nomeação pode ser **formal**, através do sobrenome e de títulos como ‘dr.’ ou ‘ministro’; **semi-formal** (nome e sobrenome – eg. Pedro Barros) ou **informal** (o primeiro nome – eg. Carlos).

A funcionalização acontece quando o ator social é mencionado no discurso através da atividade que desempenha ou pela posição que ocupa (eg. “O tenente do Exército afirmou ontem...”).

A identificação do ator social, por sua vez, ocorre quando o texto refere-se a ele pelo que ele é, mais ou menos permanentemente (eg. ‘A rainha Elisabeth’).

Na teoria de van Leeuwen há um termo que faz referência aos atores sociais através de uma avaliação, elogio ou crítica, e de conceitos que levam a noções como ‘bom’, ‘mau’, ‘amado’ ou ‘odiado’. O termo é cunhado pelo autor como ‘appraisement’ (avaliação).

Outros modos de representação dos atores sociais são a abstração e a objetivação. A abstração é quando o ator social é apresentado através de qualidades dadas a ele. Alguns exemplos são ‘pobre’ e ‘ilegal’ (no que concerne a imigrante). O ator social é impessoalizado por substantivos concretos e abstratos aos quais, algumas vezes, não são atribuídas qualidades humanas.

A objetivação, por sua vez, é definida como a representação metonímica do ator social através de um lugar (cidade ou país) com que ele está associado ou pela atividade em que está engajado. A objetivação possui algumas subdivisões sobre as quais nos deteremos na análise do corpus.

Outra forma importante de representação de atores sociais é através do arcabouço de Thompson. Este conceito é apresentado por Resende e Ramalho como os modos gerais de operação da ideologia. Apresentaremos os modos de maneira mais sucinta nesta seção e, na seção sobre Ideologia, esses conceitos serão explicados com mais detalhes, assim como suas subdivisões.

Os modos gerais de operação da ideologia podem ser definidos de maneira geral como instrumentos de dominação de um grupo sobre o outro, e a construção de uma identidade de indivíduo ou de grupo social.

Esta seção foi dedicada à abordagem dos conceitos teóricos que envolvem a classificação de atores sociais por meio do discurso. Nas seções subsequentes, analisaremos

alguns desses conceitos separadamente, que nos ajudarão a compreender de que maneira os atores sociais são representados nos discursos de Bush.

### 3.1. Determinação e Indeterminação

Analisaremos, nesta seção, a representação dos atores sociais pela funcionalização e nomeação e buscaremos o entendimento sobre as imagens constituídas nos discursos de Bush através desses dois conceitos.

Nossa análise será embasada em conceitos teóricos da Análise do Discurso, e a nossa proposta é compreender a constituição dos atores sociais dentro do corpus e como essas representações reforçam a ideologia que perpassa os discursos analisados.

Nos discursos há grande relevância para a citação do nome de ‘Saddam Hussein’, em várias oportunidades, em trechos como ‘**Saddam Hussein**’s ability to wage war’ (19/03/2003), ‘**Saddam Hussein** has placed Iraqi troops and equipment in civilian areas’ (19/03/2003) e ‘**Saddam Hussein** and his terrorist allies could choose the moment of deadly conflict when they are strongest’ (17/03/2003).

Nos exemplos acima, Saddam Hussein representa todo um regime e, portanto, personifica um governo, além de representar uma ameaça aos Estados Unidos. Há a centralização da figura de Saddam Hussein como o detentor do poder dentro da nação iraquiana.

Com a estratégia de personificação e centralização na figura de Saddam Hussein, podem-se depreender algumas interpretações; ao isolar o ator Saddam Hussein do restante da população iraquiana, cria-se um inimigo comum que deve ser combatido, há a separação e o reforço da concepção de que a guerra é contra este inimigo comum e não contra a população iraquiana.

Com o recurso da personificação e centralização em torno de Saddam Hussein, o discurso delega toda a culpa da crise entre a coalizão militar liderada pelos Estados Unidos e o Iraque para o regime iraquiano, que nesse caso é representado metonimicamente por Saddam Hussein, e assim ressignifica o discurso de guerra e mesmo o ato de invasão por parte das tropas americanas.

A metonimização da ameaça iraquiana ao Ocidente, representada por Saddam Hussein, corrobora a necessidade de ocupação do território iraquiano para retirar esse ‘mal’, que representa o governo do líder iraquiano, e com isso desvincula o sentido de guerra entre dois países e de uma invasão militar que não teve o aval do Conselho de Segurança da ONU. Portanto, a invasão estadunidense vista nessa ótica é justificável, pois o que se pretende é eliminar um inimigo comum a todos, que é Saddam Hussein.

Nas vezes em que o nome de Saddam Hussein é mencionado, a citação restringe-se ao nome e sobrenome, sem o título de ‘presidente do Iraque’ ou mesmo ‘ditador’. Esse tipo de nomeação é definido por van Leeuwen como semiformal. A nomeação tem a função, dentro dos discursos analisados, de lembrar, mais uma vez, que uma das ameaças para os Estados Unidos é Saddam Hussein, que simboliza todo um governo (*It’s too late for **Saddam Hussein** to remain in power – 17/03/2003*) e que, muitas vezes, é retratado como uma ameaça à segurança norte-americana e mundial: “The security of the world requires disarming **Saddam Hussein** now’ (17/03/2003).

As representações de atores sociais e as formas como são apresentados mostra como os sentidos são constituídos através dos discursos e a qual platéia eles se dirigem.

No caso de Saddam Hussein, ele é nomeado no discurso, na maioria das vezes, como o autor da ação, o que podemos chamar de ativação do indivíduo, como no exemplo ‘Saddam Hussein has placed Iraq troops and equipment in civilian areas’. A citação do líder iraquiano em algumas partes dos discursos, bem como a colocação de seu nome em posição ativa nos textos, ou seja, como o agente da ação, mostra sua importância dentro do discurso, e a posição ameaçadora que representa para os Estados Unidos e para o mundo.

As estratégias de metonimização e ativação do ator social Saddam Hussein criam um sentido de ameaça iminente e reforçam a necessidade de combater esse inimigo tão perigoso. Com a personificação do regime em torno da figura de Saddam e, conseqüentemente, o estabelecimento de um inimigo comum para todas as ‘nações livres’, além de se colocar a figura do líder iraquiano em posição ativa e ameaçadora, são apresentadas justificativas de um conflito militar entre a coalizão e Saddam Hussein, que simboliza um governo maligno e ameaçador, de acordo com os discursos produzidos pelo líder americano.



Em outras ocasiões, Saddam Hussein é lembrado através de títulos como ‘tyrant’ e ‘dictator’, que denotam como os Estados Unidos consideram o governo de Saddam Hussein no Iraque, classificado como tirânico e ditatorial. Esses termos levam à classificação, de acordo com a proposta de van Leeuwen, de funcionalização, que é a representação do ator social através do que ele faz ou desempenha. Neste caso, os vocábulos ‘tyrant’ e ‘dictator’ denominam o papel social que Saddam Hussein desempenha no Iraque. Com os vocábulos empregados para denominar o governo de Saddam Hussein faz-se um contraste, uma dicotomia entre os dois oponentes no discurso, e esse contraste é apresentado de maneira implícita, já que os adjetivos ‘tirano’ e ‘ditador’ classificam o chefe de governo iraquiano, e assim, podemos deduzir que o presidente Bush e seus aliados são exatamente opostos a Saddam Hussein. O contraste entre os envolvidos no conflito serve para reforçar a imagem positiva do governo Bush e seus aliados e isolar Saddam Hussein, pois tais qualidades como ditador e tirano não são compartilhadas pelo ‘mundo livre’.

É importante salientar que o caso de nomeação e de funcionalização da figura de Saddam Hussein é única na representação de atores sociais do lado iraquiano, pois tanto os aliados de Saddam Hussein quanto os cidadãos iraquianos são citados através da indeterminação: “**Many** Iraqis can hear me tonight in a translated radio broadcast” e “In recent days, American authorities have expelled from the country **certain individuals** with ties to Iraqi intelligence services”. (17/03/2003)

No caso de Saddam Hussein, como foi explicado anteriormente, a estratégia de citá-lo explicitamente produz um processo de metonimização em torno de Saddam, em que ele representa e encabeça uma grande ameaça ao mundo ocidental. Os outros personagens são representados através da indeterminação ‘certain individuals’ e ‘many Iraqis’. Entretanto, pode-se depreender uma grande diferença entre esses dois casos de indeterminação. No primeiro caso, temos aqueles que apóiam o regime de Saddam, explicitados pelo termo ‘individuals’; porém, ao ser empregado este termo, é produzida a imagem de exceção, ou seja, poucos compartilham com os ideais ‘malignos’ de Saddam Hussein. O termo ‘many Iraqis’, por sua vez, desvincula a nação iraquiana dos propósitos de Saddam Hussein e de seus aliados e reforça o conceito de que a guerra é contra o regime liderado por Saddam Hussein e não contra a população iraquiana.

Com o processo de metonimização e a nomeação informal de Saddam Hussein, assim como a indeterminação de seus aliados ('certain individuals') o discurso localiza a 'ameaça' dentro da sociedade iraquiana e os apresenta como exceção dentro dessa sociedade, já que no discurso de Bush alguns iraquianos estão ouvindo os seus dizeres através do rádio, e, assim, desvinculando estes do grupo encabeçado por Saddam Hussein.

Portanto, o que é produzido através da funcionalização (representação do ator social através do que ele faz ou desempenha), nomeação informal (nome e sobrenome), metonimização e indeterminação é o estabelecimento de dois pólos antagônicos e a identificação de uma ameaça ao chamado mundo civilizado.

Os dois pólos podem ser compreendidos através da funcionalização, já que Saddam Hussein é classificado como tirano e ditador e, em contrapartida, de acordo com o sentido produzido pelo discurso, o presidente Bush é exatamente o oposto de Saddam, ou seja, um chefe de governo de um país democrático.

A metonimização por meio da referência ao nome de Saddam Hussein produz um isolamento e a identificação da ameaça que ele representa. Através da nomeação informal, Saddam Hussein é identificado e diferenciado do restante da população iraquiana, que tem a identificação coletiva no discurso através da indeterminação.

A conclusão que se pode chegar é que o efeito de sentido produzido nessa dicotomia e na diferenciação feita em torno da figura de Saddam Hussein é a identificação da ameaça, que no discurso atende pelo nome de Saddam Hussein, e isolá-la do restante da população. Com isso, desvincula-se o sentido de guerra contra toda uma nação e legitima-se um conflito contra um grupo encabeçado por Saddam Hussein e apoiado por algumas pessoas ("certain individuals").

Diferentemente do caso iraquiano, há mais casos de nomeação do lado norte-americano, e o próprio locutor do discurso se mostra pela funcionalização: "That duty falls to me, as **Commander-in-Chief**, by the oath I have sworn, by the oath I will keep". (17/03/2003)

Nessa passagem, o sentido produzido é o do locutor do discurso como o protagonista da ação. O ator social alerta que o conflito bélico é necessário para proteger a nação de um perigo externo, e ele, como Comandante Chefe das Forças Armadas Norte-Americanas, tem a missão de liderar essa luta. No fragmento citado, o que se pode

depreender é a valorização do ator social George W. Bush como Comandante Chefe e a justificação do conflito bélico. Com isso, o locutor do discurso ganha importância e legitimidade através do papel social que desempenha na sociedade estadunidense.

Para valorizar o lado norte-americano, outros atores sociais são mencionados no momento em que George W. Bush agradece a alguns oficiais e aliados: “Thank you all very much. **Admiral Kelly, Captain Card**” e “I have a special Word for **Secretary Rumsfeld, for General Franks**”. (01/05/2003). Essas nomeações são classificadas de formais, de acordo com a teoria de van Leeuwen, e o que podemos depreender é a importância atribuída a esses atores no discurso e a imagem de respeito que o presidente norte-americano tem por eles.

Podemos contrastar esse tipo de nomeação com a de Saddam Hussein, o único ator iraquiano nomeado no discurso, já que não encontramos em nenhuma oportunidade a nomeação do presidente iraquiano que caracterizasse o formalismo que há para os oficiais e para o secretário de Defesa norte-americanos.

Outro caso de nomeação de norte-americanos envolvidos no conflito é a citação de um cabo do Exército. Neste caso, na citação há a patente, o nome e o sobrenome do soldado: “Corporal Jason Mileo”. (01/05/2003). O nome do soldado é lembrado como um dos combatentes que morreram na guerra.

Em outra oportunidade é mencionado apenas o primeiro nome do soldado “**Jason’s father**”, em que o pai do soldado morto relembra a última conversa que ele teve com o seu filho: “He called us from the center of Baghdad, not to brag, but to tell us he loved us” (01/05/2003). Essa passagem representa o grau de afinidade com o soldado, lembrado no discurso pelo primeiro nome. O fragmento alude a uma intimidade, como se o soldado falecido fosse um parente próximo, suscitando, assim, uma comoção nacional e uma valorização do soldado, pois, de acordo com o discurso, ele morreu defendendo a nação estadunidense.

A fala do pai do soldado morto continua sendo lembrada por funcionalização, que é a representação de atores sociais através de suas ocupações ou empregos, como no exemplo: “Our son was a **soldier**”. Através da nomeação e da funcionalização, há a valorização do ator social e do que ele desempenhava no Exército americano, criando-se uma identidade positiva para o soldado Mileo e para o exército americano em geral, além

de se reforçar a tese da necessidade de combater a ameaça que representa o governo iraquiano para os Estados Unidos, de acordo com o discurso.

Essas representações criam dois pólos antagônicos e duas formas distintas de apresentações dos lados do conflito, o primeiro, constituído pelos Estados Unidos e seus aliados e o segundo, representado por Saddam Hussein e seus aliados, que representariam uma exceção ao mundo livre e até mesmo dentro da sociedade iraquiana. O quadro a seguir tem o intuito de resumir essa dicotomia, através do grau de proximidade e distanciamento dos envolvidos no conflito.

<b>EUA E SEUS ALIADOS</b>	<b>SADDAM HUSSEIN E SEUS ALIADOS E A POPULAÇÃO IRAQUIANA</b>
Nomeação formal	Nomeação semiformal, informal e indeterminação
subjetividade	Atores sociais sem características subjetivas (exceção a Saddam Hussein)
proximidade	distanciamento

O contraste produzido pelos dois blocos do conflito serve para isolar e identificar o inimigo, nesse caso Saddam Hussein e seus aliados, e colocá-los como diferentes até mesmo de seus compatriotas ‘many Iraqis’, criando-se o sentido de que nem em seu próprio país o regime de Saddam Hussein compartilha do mesmo ideal e reforçando-se, assim, a necessidade de combater a ameaça que o regime representa para os Estados Unidos e seus aliados, além de se reforçar a imagem positiva e a legitimidade da proposta norte-americana. Com a estratégia da nomeação formal, subjetividade e proximidade, o bloco liderado pelos EUA ganha também legitimidade e, portanto, os propósitos estadunidenses se justificam, visto o efeito de sentido de proximidade dos atores americanos com a sua audiência.

Os resultados obtidos nessa seção são bem semelhantes aos que Carmagnani(1996) apresenta em seu trabalho sobre a cobertura dos jornais britânicos e brasileiros da guerra do Golfo de 1991. Naquela ocasião, o inimigo comum dos Estados Unidos também era

Saddam Hussein e o presidente americano da época era George Bush, pai do atual líder estadunidense.

Carmagnani apresenta a formação de dois grupos antagônicos como forma de legitimar a guerra:

Com a finalidade de obter aprovação para a deflagração do conflito armado e justificar ética e moralmente a violência utilizada na guerra, a grande campanha publicitária desenvolvida pela mídia impressa concentrou-se no estabelecimento claro de dois grupos antagônicos: Nós – o Ocidente e Eles – o Iraque. (p.250)

Apesar de o trabalho de Carmagnani ser diferente do nosso, já que a autora teve como corpus a cobertura jornalística da guerra do Golfo de 1991 e o nosso se restringir aos discursos de George Bush, além do contexto ser também diferente dos dois trabalhos, o diálogo entre as duas pesquisas é pertinente, visto que os resultados são semelhantes.

Outro resultado semelhante a que chegamos e que também é encontrado na pesquisa de Carmagnani é a centralização na figura de Saddam Hussein. A autora salienta que a personificação do conflito na figura do presidente iraquiano é uma das estratégias dentro do discurso bélico da época:

Em se tratando de países que já passaram por duas guerras mundiais e vários conflitos civis (Europa, Estados Unidos e alguns países do Oriente Médio) a idéia da deflagração de um novo conflito deveria ser habilmente articulada. A nosso ver, as seguintes estratégias de abordagem foram utilizadas: 1) demonstrar que o desejo de guerra não é nosso (do Ocidente); 2) mostrar que somos mais fortes (cf. cap 2, desta parte); 3) declarar a guerra como inevitável; 4) esvaziar o significado e as conseqüências da guerra, transformando-a num espetáculo de pirotecnia, estratégias militares e tecnologia; 5) investir numa campanha de personificação e demonização de Saddam Hussein (cf. Rojo, 1995). (p.250)

A personificação através da “demonização”, assim como o emprego de adjetivos como ‘tyrant’ , ‘dictator’ e outras qualidades ‘malignas’ atribuídas a Saddam, são encontradas tanto no corpus de Carmagnani como em nosso corpus, demonstrando as semelhanças de tratamento a que o nome de Saddam é submetido nos dois corpora.

Outra estratégia citada pela autora, que também encontra correspondência em nosso corpus, é a estratégia de “demonstrar que o desejo de guerra não é nosso (do Ocidente)”,

visto que os aliados dos Estados Unidos são representados no discurso de maneira pacífica, enquanto que os aliados de Saddam são representados de maneira ameaçadora, configurando uma vontade de empreender um conflito bélico: “On my orders, coalition forces have begun striking selected targets of military importance to undermine Saddam Hussein’s ability to wage war”(19/03/2003). Essa dicotomia entre os dois grupos será explicitada ao longo deste trabalho.

Portanto, por meio desses exemplos, e de outros que aparecerão no decorrer da pesquisa, mostra-se a pertinência de se estabelecer um diálogo entre esta pesquisa e o trabalho de Carmagnani.

O que podemos ressaltar na representação de atores sociais nesses exemplos é a importância dada aos indivíduos através da nomeação e funcionalização, que os especifica e cria uma identidade positiva ou negativa, dependendo de qual ator social é representado e da posição ideológica do discurso.

### **3.2. Avaliação (Appraisal)**

O conceito de avaliação (appraisal) é definido por van Leeuwen como a maneira como os atores sociais são representados no discurso através de termos apreciativos e depreciativos que de alguma maneira os avaliam.

O termo da avaliação é compreendido pelo contraste apresentado no discurso entre as tropas americanas e Saddam Hussein e seus aliados. É formada uma espécie de identidade coletiva para os dois grupos. As tropas e a população dos Estados Unidos são mencionadas em passagens como ‘honorable and decent spirit of the American military’ (19/03/2003) e ‘We are a peaceful people’ (17/03/2003), e Saddam Hussein e seus simpatizantes são descritos em passagens como ‘lawless men’ e ‘we will not be intimidated by thugs and killers’. (17/03/2003).

Nos exemplos, há a dicotomia expressa pelos adjetivos ‘honorable’, ‘decent’ e ‘peaceful’, representando o povo e os militares dos Estados Unidos, e ‘lawless’ ‘thugs’ e ‘killers’, qualidades atribuídas a Saddam Hussein e seus aliados. O contraste entre os dois grupos reforça a tese de invasão e deposição do regime iraquiano, pois há uma espécie de

luta do “Bem” contra o “Mal”, e a proposta de remover essa ameaça para assegurar a paz para os Estados Unidos e para o mundo é salientada.

Esta separação entre os dois grupos envolvidos no embate militar-ideológico, bem como a concepção da luta entre o Bem e o Mal, levando em consideração os adjetivos empregados nos exemplos, pode ser sintetizada no quadro a seguir:

<b>POPULAÇÃO E EXÉRCITO DOS EUA (‘BEM’)</b>	<b>REGIME DE SADDAM HUSSEIN E SEUS ALIADOS (‘MAL’)</b>
honrados	desleais
decentes	assassinos
pacíficos	violentos

Essa dicotomia é reforçada em outras passagens dos discursos, quando há a citação explícita dos atentados de 11 de setembro, que são mencionados da seguinte maneira: “That terrible morning, 19 **evil** men – the shock troops of a **hateful** ideology – gave America and the civilized world a glimpse of their ambitions” (01/05/2003). Neste excerto, há a avaliação dos terroristas que participaram do ataque terrorista e da causa a que eles estavam comprometidos.

Os termos ‘hateful’ e ‘evil’ reforçam o conceito de maldade e ameaça dos terroristas para o chamado mundo livre e contrastam com a imagem do povo norte-americano ‘We are a peaceful people’ (17/03/2003). Esse contraste promovido dentro do discurso em termos como mau, odioso, pacífico e libertário constroem duas identidades distintas e reafirmam a identidade dos Estados Unidos como um país pacífico e justo.

Na disputa entre os dois blocos não há espaço para meio-termos, ou seja, só há espaço para termos que rememorem a luta entre o Bem e o Mal, e com os exemplos já citados, o que pode ser depreendido é o apagamento da invasão norte-americana, visto que com o emprego desses adjetivos para o regime iraquiano e para os ativistas da Al Qaeda, e dos adjetivos para os Estados Unidos e seus aliados, constrói-se a imagem de que os norte-americanos invadiram o Iraque para se defender de um suposto aliado da organização terrorista Al Qaeda e, portanto, o começo da guerra do Iraque pode ser interpretado como um instrumento de autodefesa empreendido pelo governo estadunidense.

Essa bipolarização, bem como a concepção de ameaça do Outro, no caso Saddam Hussein e seus aliados, encontra correspondência no trabalho de Carmagnani (1996) e na obra de Said (1990).

Carmagnani analisa a estratégia dentro dos discursos jornalísticos para o convencimento sobre a guerra do Golfo como algo inevitável: “É necessário monopolizar a opinião pública no sentido de fazê-la aceitar a idéia de que a guerra é a única saída para o Ocidente. É necessário fazer o público acreditar que o Outro - Saddam Hussein é um inimigo comum que deseja o confronto” (p.249).

Neste exemplo, assim como nos excertos que analisamos do nosso corpus, o conceito de invasão e, conseqüentemente, de guerra se legitima, já que o outro é representado como uma ameaça iminente aos Estados Unidos e seus aliados.

A autora prossegue apresentando os efeitos de sentido produzidos nos jornais ingleses e brasileiros a fim de justificar e culpabilizar o Outro, no caso Saddam Hussein pela crise militar:

Para poder justificar a guerra, fazia-se necessário construir uma imagem negativa do inimigo, a fim de que o público o rejeitasse, através de um processo de exclusão (cf. Foucault, 1971). Para Foucault (1971) o processo de exclusão, garantido pelos rituais de poder, é exercido através da oposição entre o conhecido, aceito e o desvio, a exceção (por exemplo, a oposição entre loucura e sanidade). Através de estruturas de poder, as normas daquilo que é considerado desvio ou padrão são estabelecidas, como entendidas como as “verdades de sempre” (p.260).

Ou seja, a legitimação dos dois conflitos, a guerra do Golfo, analisada por Carmagnani, e a atual guerra do Iraque, foco de nossa análise, é criada através de dois pólos antagônicos e completamente estanques.

Carmagnani sintetiza o seu argumento sobre o estabelecimento dos dois grupos conflitantes através do seguinte quadro:

<b>NÓS (o Ocidente, liderado pelos EUA)</b>	<b>O Outro (Iraque, Saddam)</b>
estamos defendendo um aliado (Kuwait)	invadiu um país aliado
negociamos (somos flexíveis)	é inflexível
pedimos	ameaça



queremos a paz	quer a guerra
somos humanos, racionais	é desumano, irracional

Carmagnani (1996:263)

Trabalhando com essa concepção de ameaça, Said (1990) apresenta uma reflexão de como o Oriente pode representar uma ameaça ao Ocidente ou, ainda, como o Oriente pode ser controlado: “Um quarto dogma é que o Oriente, no fundo, ou é algo a ser temido (o Perigo Amarelo, as hordas mongóis, os domínios pardos) ou a ser controlado (por meio da pacificação, pesquisa e desenvolvimento, ou ocupação pura e simples sempre que possível)” (p.305).

Portanto, com a utilização de termos apreciativos e depreciativos nos discursos analisados, são construídas duas identidades distintas, e essa diferenciação reforça a identidade positiva do governo americano em relação à negatividade proposta para o regime iraquiano, e as propostas dentro dos discursos ganham legitimidade nessa luta que podemos depreender entre o ‘Bem’ X ‘Mal’ e a necessidade de se eliminar esse ‘Mal’ para preservar o ‘Bem’.

### 3.3. Objetivação

O conceito de objetivação é definido pela representação dos atores sociais com referência ao lugar ou a outras particularidades ligadas ao ator social em questão. Em outras palavras, a objetivação é realizada por referência metonímica.

No corpus, a ocorrência de termos como ‘Iraqi regime’ e ‘United States and our allies’ são frequentes, representando um determinado grupo de pessoas, assim como apresentam características desses dois grupos distintos.

O termo ‘Iraqi regime’ aparece em declarações como “the **Iraqi regime** continues to possess and conceal some of the most lethal weapons ever devised” (17/03/2003) e “The **Iraqi regime** has used diplomacy as a ploy to gain time and advantage” (17/03/2003). Essas passagens contrastam com “the **United States and other nations** have pursued patient and honorable efforts to disarm the Iraqi regime without war”(17/03/2003) e “**the**

**United States and our allies** are authorized to use force in ridding Iraq of weapons of mass destruction” (17/03/2003).

Nos exemplos acima citados, o que temos é a impessoalização dos atores sociais e a representação de um determinado grupo de pessoas através do processo de metonimização, formando assim dois grupos distintos ‘the Iraqi regime’ e ‘ the United States and other nations’.

Há uma diferenciação e um confronto de propostas entre os dois grupos, sendo que o primeiro grupo, representado por ‘the Iraqi regime’, constitui uma grande ameaça ao segundo grupo, ‘the United States and our allies’. A dicotomia cria dois pólos distintos dentro do discurso que entram em conflito. De um lado, temos o termo ‘the Iraqi regime’, que simboliza Saddam Hussein e seus partidários, que representam uma grande ameaça para os Estados Unidos e para o mundo e que, portanto, precisam ser confrontados pelo outro grupo, claramente identificado por ‘the United States and our allies’. Este outro grupo representa o povo estadunidense de modo geral e os países que apóiam a invasão norte americana ao Iraque.

Através da objetivação, há uma concepção positiva de um grupo e negativa do outro grupo. Ao contrário da nomeação, em que o ator social é valorizado individualmente, na impessoalização os grupos sociais ganham importância e apresentam, de um lado, uma imagem positiva da coalizão liderada pelos Estados Unidos, que tem o propósito de combater uma ameaça de um regime agressivo e, do outro, uma imagem negativa do grupo social que é apresentado pelo termo ‘the Iraqi regime’.

O que podemos depreender da representação por objetivação é a constituição da identidade do grupo ‘the United States and our allies’ e, conseqüentemente, uma imagem positiva desse grupo dentro do discurso. Essa imagem é construída pela oposição criada com o outro grupo (‘the Iraqi regime’), e essa oposição reforça e legitima os atos e a ideologia do primeiro grupo.

Com o processo de metonimização proporcionado pela objetivação, a proposta dos dois grupos ganha mais clareza e a concepção de compartilhamento de ideais fica mais explícita nesse modo de apresentação das duas forças antagônicas.

Caminhando para a mesma direção, a pesquisa de Carmagnani apresenta resultados semelhantes:

O espetáculo exigia a consolidação das diferenças entre o nosso lado (o do Ocidente) e o outro lado (o do Oriente). Através da personificação do conflito - Saddam Hussein é o Iraque – pôde-se isolar o outro, facilitando todo o tipo de comentário que apresentasse claramente o lado do anti-herói do inimigo comum. Do lado ocidental, há uma diluição de agentes (apesar da liderança dos Estados Unidos) com a finalidade de reforçar a idéia de que o mundo está do nosso lado. (p.280)

Quanto ao estabelecimento das duas forças conflitantes, os resultados das duas pesquisas também são semelhantes, já que em nossa pesquisa o primeiro grupo é identificado pela expressão “the United States and our allies” e o outro é claramente identificado por “Saddam Hussein and his allies”. No caso de Carmagnani, os grupos são representados da seguinte maneira: “um dos agentes apresentado de modo mais diluído, porém, mais abrangente (os aliados, a coalizão, a comunidade internacional, o mundo) e, o outro, apresentado como um agente pontual, concreto (Saddam, o Iraque, ele)” (p.282).

A autora cita Rojo (1995)<sup>2</sup> quanto ao estabelecimento de dois grupos contrastantes, como um procedimento comum em um discurso permeado pela retórica bélica:

Rojo (1995), que faz a análise do fenômeno da divulgação da guerra na Espanha, entende que a grande quantidade de contrastes estabelecidos principalmente após a irrupção da guerra, é eficiente na criação de uma imagem positiva do ‘nosso lado’ e de uma imagem negativa do ‘outro lado’. (p.282-3)

Portanto, através da objetivação, é estabelecida a formação de dois grupos conflitantes, que, pelos adjetivos e atos que lhes são atribuídos, têm suas propostas claramente apresentadas, e a legitimação de um dos grupos antagônicos, que, no caso, o grupo liderado pelos Estados Unidos.

### **3.4. Modos de construção simbólica**

Os modos de operação da ideologia apresentam relações de dominação e de construções simbólicas dos atores sociais. Essas relações de dominação e de construção da

---

<sup>2</sup> ROJO, L.M. Division and rejection: from the personification of the Gulf conflict to the demonization of Saddam Hussein. In : *Discourse & Society*, vol. 6(1). London: Sage, p. 49-80, 1995, apud Carmagnani (1996)

identidade do outro são explicitadas no arcabouço de Thompson, apresentado por Ramalho e Resende (2006)<sup>3</sup>.

Um dos modos gerais de operação da ideologia é a fragmentação, que é a segmentação de indivíduos e grupos que possam representar ameaça ao grupo dominante. Dentro da fragmentação, há a estratégia de expurgo do outro, (que é a construção simbólica do inimigo).

A construção simbólica do inimigo dentro do corpus é realizada em torno da figura de Saddam Hussein: ‘The terrorist threat to America and the world will be diminished the moment that **Saddam Hussein** is disarmed’ (17/03/2003). A construção da identidade de Saddam Hussein e de seu governo como uma ameaça à paz mundial legitima a necessidade de um confronto bélico para combater esse perigo que Saddam Hussein e seu governo representam para o chamado ‘mundo livre’.

Em outras passagens, há outro contraste entre os dois grupos e uma espécie de construção de uma identidade coletiva. Nos exemplos ‘We are a peaceful people’ (17/03/2003) e ‘honorable and decent spirit of the American military’ (19/03/2003), que representam o povo norte-americano, há uma diferenciação com a imagem do regime iraquiano encabeçado por Saddam Hussein: ‘we will not be intimidated by thugs and killers’ e ‘lawless men’. (17/03/2003)

No que concerne aos modos gerais de operação da ideologia, o que temos nessas passagens é a unificação, que é a construção simbólica de uma identidade coletiva, com a estratégia da simbolização da unidade (construção de símbolos de unidade e identificação coletiva). Os Estados Unidos de maneira geral são descritos por adjetivos que trazem símbolos como a honra, a decência e a paz, enquanto que a identidade coletiva dos membros do governo iraquiano é constituída por símbolos de violência, morte e deslealdade.

O propósito da invasão norte-americana ao Iraque é claramente apresentada no discurso com a frase “In this battle, we have fought for the cause of liberty, and for the

---

<sup>3</sup> Utilizaremos o conceito de Thompson nesta seção como uma forma de ilustrar o modo como os atores sociais são representados em determinado discurso. Alguns modos de operação da ideologia serão utilizados nesta parte do trabalho dedicada à representação social. Os modos restantes, bem como as estratégias, serão trabalhados com mais detalhes na seção sobre a ideologia.

peace of the world” (01/05/2003). Essa ideologia de liberdade e paz é reforçada principalmente pela estratégia da unificação e da construção simbólica do inimigo.

Os fragmentos “More than 35 countries are giving crucial support” (19/03/2003) e “This nation thanks all the members of our coalition who joined in a noble cause. We thank the Armed Forces of the United Kingdom, Australia and Poland, who shared in the hardships of war” (01/05/2003) criam a imagem de unificação de propósitos por meio da estratégia de padronização (um referencial padrão que é compartilhado por todos de um mesmo grupo). O termo ‘noble cause’ unifica todos esses países em um propósito comum que é, de acordo com os discursos, combater a ameaça que representa o governo de Saddam Hussein e estabelecer a liberdade e a paz para a nação iraquiana.

A estratégia de citar alguns países como Inglaterra, Polônia e Austrália valoriza o discurso e reforça a unidade da coalizão militar, além de nomear países que partilham do mesmo propósito da nação estadunidense.

A passagem a seguir apresenta a estratégia de expurgo do outro, mas dessa vez a construção é do governo iraquiano e não só de Saddam Hussein:

We will tear down the apparatus of terror and we will help you to build a new Iraq that is prosperous and free. In a free Iraq, there will be no more wars of aggression against your neighbors, no more poison factories, no more executions of dissidents, no more torture chambers and rape rooms. The tyrant will soon be gone. The day of your liberation is near. (17/03/2003)

Nesse fragmento, há o expurgo do outro através da relação entre as atrocidades que o regime iraquiano possivelmente teria cometido como: ‘wars of aggression against your neighbors’, ‘executions of dissidents’ e ‘torture chambers’. Com essas citações, é criada uma imagem brutal, opressiva e desumana do governo iraquiano que, em contrapartida, estabelece uma imagem positiva para os membros da coalizão militar liderada pelos Estados Unidos. O argumento de remover o governo iraquiano ganha força, como podemos compreender na frase ‘We will tear down the apparatus of terror and we will help you to build a new Iraq that is prosperous and free’.

Essa diferenciação provocada através da unificação e do expurgo do outro pode ser sintetizada no quadro abaixo.

<b>COALIZÃO MILITAR LIDERADA PELOS EUA</b>	<b>REGIME IRAQUIANO E SEUS ALIADOS</b>
Honra	Deslealdade
Paz	Morte
Decência	Violência
Nobre causa	Guerras contra países vizinhos
Liberdade	Execução de dissidentes
Prosperidade	Câmaras de Tortura

Portanto, mais uma vez, a dicotomia entre os grupos cria dois pólos contrastantes, e a imagem negativa do grupo representado pelo governo iraquiano valoriza a imagem positiva do grupo liderado pelos Estados Unidos, bem como os propósitos desse último grupo ganham relevância através das estratégias de unificação e de padronização, criando um efeito de sentido de unidade do grupo da coalizão militar.

#### **4. Interdiscurso, intertextualidade e memória discursiva sob o prisma da Análise do Discurso e da Análise Crítica do discurso**

Nesta parte do trabalho, definiremos conceitos teóricos como interdiscurso, intertextualidade, memória discursiva e pré-construído. Utilizaremos duas perspectivas para definir esses conceitos: a Análise Crítica do Discurso, para definir a intertextualidade, e a Análise do Discurso, para definir principalmente interdiscurso, intertextualidade e memória discursiva.

Após a apresentação dos conceitos baseados nessas duas correntes teóricas, trabalharemos com esses conceitos na análise do corpus, analisando-o ora sob o prisma da Análise do Discurso, ora sob o prisma da Análise Crítica do Discurso, com o objetivo de compreender a relação dos discursos com fatos ocorridos no passado que estão sedimentados no imaginário coletivo norte-americano.

#### **4.1. Os conceitos de interdiscurso, intertextualidade e memória discursiva na concepção da Análise do Discurso**

O interdiscurso é definido de maneira geral, de acordo com a Análise do Discurso, como a relação de um discurso com outros discursos. Partindo desta acepção, o discurso só se constitui através da relação com outros que foram proferidos no passado e que são retomados no presente. Brandão (2004) aponta a interdiscursividade como constitutiva do discurso, ressaltando que “todo discurso nasce de um trabalho sobre outros discursos” (2004:107).

Orlandi (2007) apresenta a distinção de interdiscurso e intradiscurso, sob o prisma da teorização de Courtine. O interdiscurso é definido como o eixo vertical em que estão presentes os dizeres do passado, enquanto que o intradiscurso é classificado como eixo horizontal, em que os dizeres são formulados no momento da constituição do discurso. Portanto, o interdiscurso afeta o discurso atual através de implicações sócio-históricas, e o intradiscurso é a materialidade do discurso.

Há diferenças entre interdiscurso e intertexto, e Orlandi as apresenta da seguinte maneira:

Se tanto o interdiscurso como o intertexto mobilizam o que chamamos relações de sentido, que explicitaremos à frente, no entanto o interdiscurso é da ordem do saber discursivo, memória afetada pelo esquecimento, ao longo do dizer, enquanto o intertexto restringe-se à relação de um texto com outros textos. Nessa relação, a intertextual, o esquecimento não é estruturante, como o é no interdiscurso (p.34)

Portanto, a autora diferencia o intertexto do interdiscurso colocando o primeiro como uma relação entre textos, enquanto que o segundo é uma relação com sua memória discursiva, fatos ocorridos no passado que significam as palavras do presente.

Em relação ao esquecimento, conceito teórico de Pêcheux, Orlandi o aponta como estruturante do interdiscurso, e o classifica em dois tipos: esquecimento número um que é chamado de esquecimento ideológico, da instância do inconsciente. Esse tipo de esquecimento demonstra a influência da ideologia sobre o sujeito e a ilusão de centralidade deste dentro do discurso. Entretanto, a autora apresenta o sujeito discursivo como aquele

que retoma sentidos que já existiam anteriormente e, ao se posicionar em relação a outros discursos, se significa.

O esquecimento número dois é tratado como da ordem da enunciação: o sujeito escolhe uma maneira de dizer e não outra, ou seja, ao escolher uma maneira de falar, o sujeito deixa de enunciar outras formas que poderiam ser utilizadas em seu enunciado, formando o que a autora denomina como “famílias parafrásticas que indicam que o dizer sempre podia ser outro” (2007:..35).

Essa questão do esquecimento dentro do discurso aponta para o conceito de interpelação ideológica e a sua posição ambígua para o sujeito, pois ele é influenciado por uma dada ideologia, mas ao mesmo tempo ocupa um lugar no discurso que é dele. Assim como na interpelação ideológica, no esquecimento número um temos a ilusão de centralidade do sujeito, quando na verdade há a influência da ideologia nas palavras do sujeito do discurso. Entretanto, o sujeito ocupa um lugar determinado no discurso, de acordo com o conceito de interpelação do sujeito, e na hora de dizer algo ele “escolhe” um modo e exclui outro que também poderia ser utilizado, como o que acontece no esquecimento número dois.

Outros dois elementos que são importantes para a relação interdiscursiva são o pré-construído e a memória discursiva. O pré-construído é definido por Brandão (2004) como o “elemento produzido em outro(s) discurso(s), anterior ao discurso em estudo, independentemente dele. Todo discurso mantém uma relação essencial com elementos pré-construídos” (2004:109).

A memória discursiva, por sua vez, é assim definida por Orlandi (2007):

o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra. O interdiscurso disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada. (p.31)

O pré-construído e a memória discursiva afetam diretamente um discurso do presente, pois trazem para o discurso atual saberes sedimentados do passado e que significam o enunciado presente.

O propósito desta seção foi apresentar os conceitos de interdiscurso, intertextualidade e memória discursiva sob o prisma da Análise do Discurso. Na próxima



seção, definiremos o conceito de intertextualidade sob a ótica da Análise Crítica do Discurso, estabelecendo aproximações e diferenças entre as duas correntes teóricas.

#### 4.2. O conceito de intertextualidade na Análise Crítica do Discurso

No que concerne à intertextualidade, segundo a Análise Crítica do Discurso, Kristeva<sup>4</sup> a define como inserção da história (sociedade) no texto e desse texto na história. A inserção da história no texto é apresentada pela autora como o momento em que o texto atual absorve o que se constrói em textos passados e que, portanto, constituem e influenciam o texto vigente. Já a inserção do texto na história é compreendida como de que maneira esse texto atual pode influenciar e antecipar textos subseqüentes.

Fairclough (1992) apresenta algumas formas desse fenômeno discursivo: intertextualidade manifesta – outros textos são identificados explicitamente no texto analisado e a presença desses é percebida na superfície do texto vigente (eg. citações diretas). Outra forma de intertextualidade apontada por Fairclough é a constitutiva, em que a presença de outros textos no texto analisado não é explícita, e a presença dos outros é identificada através das convenções e características que o discurso presente adota desses outros discursos.

A distinção entre os dois tipos de intertextualidade é apresentada pelo autor no seguinte fragmento:

I shall draw a distinction between ‘manifest intertextuality’, where specific other texts are overtly drawn upon within a text, and ‘interdiscursivity’ or ‘constitutive intertextuality’. Interdiscursivity extends intertextuality in the direction of the principle of the primacy of the order of discourse which I discussed above, p.68. On the one hand, we have the heterogeneous constitution of texts out of specific other texts (manifest intertextuality); on the other hand, the heterogeneous constitution of texts out of elements (types of convention) of orders of discourse (interdiscursivity). (p.85)

Na passagem acima, o autor faz a diferenciação entre as duas intertextualidades e podemos perceber que, apesar de o termo intertextualidade, de

---

<sup>4</sup> KRISTEVA, J. 1986a: Word, dialogue and novel. In: *T. Moi (ed), The Kristeva Reader*, Oxford: Basil Blackwell. 24-33, apud Fairclough (1992)

maneira geral, não se diferenciar entre as concepções de Fairclough e a Análise do Discurso, o termo interdiscurso, 'interdiscursivity' para Fairclough, adquire uma outra concepção:

I shall use intertextuality as a general term for both manifest and constitutive intertextuality when the distinction is not at issue, but introduce the new term 'interdiscursivity' rather than constitutive intertextuality when the distinction is needed, to underline that the focus is on discourse conventions rather than other texts as constitutive. (p.104)

Portanto, uma diferença entre a Análise Crítica do Discurso, representada por Fairclough, e a Análise do Discurso, encabeçada principalmente por Pêcheux, é que o autor inglês utiliza o termo intertextualidade como um termo que abarca todas as relações interdiscursivas, enquanto que na Análise do Discurso há diferenciação entre intertextualidade e interdiscursividade. Outra diferença entre as teorias é a significação que o termo interdiscursividade adquire na teorização de Fairclough.

O conceito de intertextualidade, termo cunhado pela primeira vez por Kristeva, é importante para a compreensão do diálogo entre textos do passado e do presente, além de apontar a influência que outros textos têm na constituição de textos vigentes. As divisões que Fairclough apresenta para o conceito de intertextualidade também são relevantes para se entender de que maneira um texto influencia e constitui o outro.

As próximas seções serão dedicadas à análise do corpus sob a ótica da Análise do Discurso e da Análise Crítica do Discurso, para se buscar a compreensão do diálogo que se estabelece entre os discursos e fatos passados que significam os dizeres do presente.

### **4.3. A memória discursiva**

Nesta seção, analisaremos alguns fragmentos dos discursos de Bush e buscaremos a compreensão de como são formados os efeitos de sentido dentro do corpus. Haverá um diálogo com as obras de Grigoletto (2002), no que concerne ao discurso colonial, e Said (1990) sobre o discurso colonial e sobre a dominação do Ocidente sobre o Oriente.

Um fato que é muito recorrente nos discursos de Bush é, sem dúvida, os atentados terroristas de 11 de setembro. Dada a proximidade entre os dois eventos, os atentados de 11

de setembro e o início da guerra do Iraque, a citação ao ataque sofrido pelos Estados Unidos serve para legitimar as palavras do discurso em questão, além de servir de justificativa para a ação bélica empreendida pelos Estados Unidos. Os atentados são citados explicitamente, conforme o fragmento a seguir: “The battle of Iraq is one victory in a war on terror that began on September the 11, 2001 – and still goes on” (01/05/2003).

Caminhando na direção de reativar a memória discursiva norte-americana e criando um sentido de ameaça iminente, faz-se necessário, dentro do discurso, o estabelecimento de uma possível ligação do regime de Saddam Hussein com o grupo terrorista al Qaeda, responsabilizado pelos atentados de 11 de setembro: “We’ve removed an ally of al Qaeda, and cut off a source of terrorist funding” (01/05/2003).

Portanto, fatos ocorridos no passado recente da sociedade americana servem para sustentar e legitimar uma ação bélica empreendida pelos Estados Unidos ao país árabe, já que, com a citação dos atentados, cria-se a necessidade de uma ação militar ao Iraque a fim de se evitar um novo ataque terrorista, e é criada dentro do discurso uma possível ligação entre a Al Qaeda e o regime de Saddam Hussein.

Dentro do discurso, cria-se o efeito de que a ocupação do país árabe pode ser benéfica e, para isso, fatos e personagens do passado são rememorados no discurso em questão:

Our commitment to liberty is America’s tradition – declared at our founding; affirmed in Franklin Roosevelt’s Four Freedoms; asserted in Truman Doctrine and in Ronald Reagan’s challenge to an Evil Empire. We are committed to freedom in Afghanistan, in Iraq, and in a peaceful Palestine. (01/05/2003)

Fatos como a independência americana e a citação de alguns presidentes americanos que governaram o país no passado servem para criar uma atmosfera positiva e apresentar a liberdade como algo que esteve sempre presente na história norte-americana.

O sentido que é criado neste fragmento é dos Estados Unidos como um país que possui a democracia, a paz e a liberdade como um de seus pilares, ao contrário do Iraque, que sob o regime de Saddam Hussein não gozava das mesmas vantagens da nação norte-americana. O que se estabelece a partir desse fragmento é a diferença

entre uma nação ocidental e uma nação oriental. Essas diferenças entre o Ocidente e o Oriente são analisadas da seguinte forma por Said (1990):

Mas os principais dogmas do orientalismo existem hoje em sua forma mais pura nos estudos sobre os árabes e sobre o islã. Vamos recapitulá-los aqui: um é a absoluta e sistemática diferença entre o Ocidente, que é racional, desenvolvido e superior, e o Oriente, que é aberrante, subdesenvolvido e inferior. (p.305)

Este esvaziamento do sentido da guerra e da invasão do Iraque, bem como o recurso de rememorar parte da história norte-americana, sustentando assim os dizeres dos discursos em questão, constroem uma imagem positiva da ocupação norte-americana e estabelecem a invasão como algo civilizatório e que trará desenvolvimento e justiça aos iraquianos.

Esse sentido que foi construído encontra correspondência com o discurso colonial europeu do século XIX, que, sob a bandeira de trazer a evolução para os povos atrasados, escondia interesses imperialistas. Grigoletto apresenta uma visão sobre o discurso colonial europeu do século XIX:

Do lado da plenitude está o colonizador, possuidor de progresso e civilização, das verdadeiras ciência e religião; do lado da falta encontra-se o colonizado, cuja diferença é interpretada como carência dos dotes considerados essenciais para o aprimoramento da humanidade. E a diferença é sinônimo de falta. Em parte como consequência da constatação sobre as lacunas do colonizado, em parte como justificativa para a dominação e controle, constrói-se, no imaginário social da metrópole, uma tarefa nobre para a colonização: a de civilizar e, assim, fazer evoluir povos atrasados. (p.97).

Nos discursos de Bush, os Estados Unidos são vistos como detentores da democracia e da liberdade e a invasão adquire o caráter de missão, já que com a queda do regime opressor de Saddam Hussein, promovida pelas forças de coalizão, houve o estabelecimento da democracia e da liberdade naquele país. Da mesma forma, no discurso colonial, a exploração dos continentes asiático e africano pelas potências européias ganharam a conotação de missão civilizatória, já que as nações européias, detentoras da civilização, deveriam compartilhar os seus ideais com as nações menos desenvolvidas.

Em outras partes do discurso, esse diálogo fica mais explícito, como no excerto “we will bring freedom to others” (19/03/2003) que encontra o seu correspondente no discurso colonialista europeu do século XIX: “we will bring civilization to others”.

Em relação ao discurso europeu do século XIX, ele pode ser sintetizado pela seguinte expressão: “white’s man burden” (o ônus do homem branco). Grigoletto, em sua análise sobre o discurso colonial britânico na Índia, nos apresenta a visão que o europeu tinha de sua empreitada colonialista:

O colonizador, possuindo ascendência moral sobre o colonizado, teria como missão melhorá-lo. É esse o sentido expresso pela metáfora “the white man’s burden” (ônus do homem branco), que se torna um tema recorrente no discurso colonialista britânico. (p.86)

Portanto, é possível estabelecer uma relação discursiva entre o discurso em questão e o discurso colonial europeu do século XIX, já que nos discursos de Bush, com o argumento de combater uma ditadura que apoiava os terroristas, foi constituído um sentido para a guerra como algo que libertaria a nação iraquiana do jugo opressor de Saddam, atenuando o sentido negativo para um conflito bélico.

De modo semelhante, sob a bandeira de trazer a civilização aos chamados povos atrasados, os europeus do século XIX mascararam o real propósito das missões exploradoras e imperialistas aos continentes africano e asiático.

Porém, a fim de se evitar qualquer vinculação com o propósito imperialista do século XIX, nos discursos de Bush, foi criada a desvinculação entre as duas políticas: “Other nations in history have fought in foreign lands and remained to occupy and exploit. Americans, following a battle, want nothing more than to return home”. (01/05/2003).

Portanto, a memória discursiva é ativada pela rememoração do neocolonialismo europeu do século XIX, entretanto, no discurso do presidente estadunidense, as políticas se divergem, já que é produzida a desvinculação da atual política dos Estados Unidos dos interesses comerciais das nações europeias do século XIX e, assim, a ocupação americana é simbolizada como algo necessário e positivo para os iraquianos, diferenciando da política neocolonialista europeia, que foi reativada através da memória discursiva.

Os fragmentos a seguir apresentam o caráter belicoso que o regime iraquiano adquire dentro dos discursos de Bush e como esse caráter ameaçador é constituído através de um breve apanhado histórico:

the United States and other nations have pursued patient and honorable efforts to disarm the Iraq regime without war (17/03/2003)

The regime has a history of reckless aggression in the Middle East (17/03/2003)

In a free Iraq, there will be no more wars of aggression against your neighbors, no more poison factories, no more executions of dissidents, no more torture chambers and rape rooms. The tyrant will soon be gone. The day of your liberation is near. (17/03/2003)

Nessas passagens o discurso retoma alguns fatos como acontecimentos do passado, mas que seriam freqüentes no cotidiano iraquiano. Essa passagem é direcionada aos iraquianos, e é traduzida por uma rádio: “Many Iraqis can hear me tonight in a translated radio broadcast, and I have a message for them” (17/03/2003). Há, portanto, uma retomada dos saberes sedimentados na memória discursiva do povo iraquiano através da menção a atrocidades cometidas pelos seus governantes, como guerra aos países vizinhos e a opressão aos opositores do regime.

Em relação à guerra aos vizinhos, podemos relembrar o conflito entre Irã e Iraque, e há um silenciamento sobre um fato dessa guerra. Através do fragmento ‘no more wars of aggression against your neighbors’, reativamos o conflito entre os dois países, mas há o silenciamento do fato de que os Estados Unidos ofereceram apoio bélico e logístico ao mesmo governo que nesses discursos é classificado como inimigo.

Grigoletto (2002) trabalha com o conceito de Orlandi de silêncio fundador e apresenta as duas formas de existência de silêncio fundador: silêncio constitutivo e silêncio local. De acordo com a tese de Orlandi, o primeiro é o momento em que o locutor diz algo, e conseqüentemente silencia outros sentidos, já que para Orlandi “toda denominação apaga necessariamente outros sentidos possíveis”<sup>5</sup>.

---

<sup>5</sup> ORLANDI, Eni P. As formas do silêncio: no movimento dos sentidos. Campinas: Editora da Unicamp, 1992, apud Grigoletto 2002

A segunda forma de silêncio teorizada por Orlandi, a local, é apresentada por Grigoletto como a manifestação “por meio da interdição explícita do dizer, por exemplo, pela censura” (p.135).

Por fim, Grigoletto apresenta a definição geral de Orlandi para a política de silenciamento nos discursos: “Com efeito, a política do silêncio se define pelo fato de que ao dizer algo apagamos necessariamente outros sentidos possíveis, mas indesejáveis, em uma situação discursiva dada” (p.135).

Portanto, através da política do silenciamento, há o efeito de desvinculação de quaisquer ligações do passado entre os Estados Unidos e o regime comandado por Saddam Hussein, reforçando a dicotomia entre os dois governos e seus propósitos.

Para valorizar a imagem do exército norte-americano, o caráter dos soldados americanos é exaltado através da retomada de fatos e personagens da Segunda Guerra Mundial: “The character of our military through history – the daring of Normandy, the fierce courage of Iwo Jima, the decency and idealism that turned enemies into allies – is fully present in this generation”. (01/05/2003)

Com esse excerto, depreendemos uma imagem positiva do exército americano por meio da referência à coragem dos soldados que combateram em Iwo Jima e ao desembarque da Normandia. Criando esse caráter através de fatos históricos e igualando os atuais soldados americanos aos que combateram na segunda guerra, implicitamente constrói-se o sentido de que após o desembarque do exército americano no Iraque, a população e exército iraquianos que, a princípio, seriam hostis aos americanos, mudariam as suas percepções sobre os combatentes estrangeiros por causa dos atos e do caráter decente das tropas americanas e, posteriormente, tornar-se-iam amigos dos norte-americanos.

Portanto, através dessa imagem que foi construída dentro do discurso, o significado de guerra e invasão é esvaziado, e a ocupação é vista como algo benéfico e positivo para os iraquianos.

O que foi proposto nesta seção foi apresentar o conceito da memória discursiva, mostrando a sua reativação dentro do corpus através de fatos passados que constroem os sentidos dos discursos em questão.

#### **4.4. A intertextualidade no corpus sob a perspectiva da Análise Crítica do Discurso**

Nos discursos do presidente americano há a retomada de saberes já sedimentados na memória coletiva do povo norte-americano. Em uma das passagens do discurso de Bush, há a rememoração dos ataques suicidas de 11 de setembro de 2001: “We will meet that threat now, with Army, Air Force, Navy, Coast Guard and Marines, so that we do not have to meet it later with armies of firefighters and police and doctors on the streets of our cities” (19/03/2003).

Nesta passagem, há a retomada de fatos que ocorreram antes do discurso analisado, que servem para significar as palavras do discurso vigente. O discurso analisado, por sua vez, ressignifica os fatos do passado e os reatualiza no momento em que ele é proferido. Há também uma espécie de previsão de eventos futuros, pois nessa passagem, o líder americano alerta que, se os Estados Unidos não enfrentarem a ameaça, que simboliza o governo de Saddam Hussein, a nação americana poderá sofrer sérias conseqüências no futuro, semelhantes às enfrentadas em 11 de setembro de 2001.

O conceito de intertextualidade, proposto por Kristeva, em que a história (os atentados terroristas) se insere no texto presente, que por sua vez ressignifica e prepara para textos subseqüentes, configurando a inserção do texto presente na história, ajuda a compreender essa relação entre o discurso vigente e fatos passados, e o alerta que o texto presente faz para possíveis acontecimentos no futuro.

No que concerne à relação do discurso analisado com discursos futuros, há uma espécie de representação das palavras de um colaborador do governo de Saddam Hussein, no caso deste ser capturado por crimes de guerra. Há em um discurso a passagem “War crimes will be prosecuted. War criminals will be punished. And it will be no defense to say, **‘I was just following orders’**” (17/03/2003). Há a ligação entre o fragmento analisado com fatos que poderiam ocorrer no futuro, como a punição de criminosos de guerra e uma representação do hipotético discurso de um criminoso de guerra.

A partir destes exemplos, constrói-se, então, uma memória de futuro, por antecipação, isto é, uma memória de como fatos futuros deverão ser interpretados. O domínio da antecipação é definido por Brandão, de acordo com a Análise do Discurso,



como a reunião de “seqüências discursivas que entretêm no nível intradiscursivo relações interpretáveis como efeitos de antecipação” (p.100).

No primeiro exemplo, em que há a rememoração dos ataques de 11 de setembro e um alerta sobre futuros ataques caso não se tomem certas providências, depreendemos o diálogo que se estabelece entre o discurso presente e fatos passados e entre este mesmo discurso atual e possíveis fatos do futuro. Este diálogo nos remete ao conceito de Kristeva em que a história se insere no discurso e este na história, mas também um conceito de Courtine, apresentado por Brandão, pertencente à vertente da Análise do Discurso, sobre o domínio da antecipação: “a impossibilidade de atribuir um fim ao processo discursivo”.(p.100)

Ou seja, sob a ótica da Análise Crítica do Discurso, mas pegando emprestado o termo de domínio de antecipação da Análise do Discurso, compreendemos que nos dois exemplos citados há uma relação com fatos do passado e com possíveis fatos no futuro que servem para significar as palavras do discurso em questão.

Em relação à utilização de discurso direto, desta vez retomado de fatos anteriores ao discurso analisado, o dizer de um dos terroristas que participaram dos ataques de 11 de setembro de 2001 será analisado. Atribui-se ao terrorista o dizer, de acordo com o texto, de que os ataques seriam o começo do fim dos Estados Unidos: “beginning of the end of America” (01/05/2003). Entretanto, não sabemos se estas foram as exatas palavras do participante do atentado, visto que estes eram provenientes de países do Oriente Médio, e alguns não tinham conhecimento da língua inglesa.

A utilização do discurso direto no discurso analisado retoma o conceito de Fairclough de intertextualidade manifesta, em que a presença de outros textos no discurso presente é explícita, como na utilização do discurso direto. Nesses casos, a possível fala de um criminoso capturado pelo exército norte-americano e a de um dos terroristas do 11 de setembro são adaptadas ao contexto atual.

O discurso direto, especificamente do participante do ataque terrorista (‘the beginning of the end of America’), adaptado ao contexto atual, cria um efeito de ameaça concreta aos Estados Unidos e legitima o discurso atual e a política de Guerra ao Terror empreendida pelos Estados Unidos.

Um outro exemplo de discurso direto, também adaptado ao atual embate bélico, é uma frase de um profeta bíblico, e ela é lembrada e ressignificada no texto analisado. Trata-se do profeta Isaiás, e suas palavras são consideradas como símbolos de aspiração à liberdade no discurso de Bush: “To the captives, ‘come out’, and to those in darkness, ‘be free’” (01/05/2003).

Ao citar o texto bíblico, constrói-se uma voz de autoridade no discurso em questão, por se utilizar um livro sagrado para a comunidade judaico-cristã, que é majoritária na sociedade americana, e liga-se esse livro sagrado à situação atual, criando o sentido de libertar os iraquianos do regime Saddam Hussein.

Por fim, temos no discurso de Bush a citação de outro discurso e as convenções deste no texto do líder norte-americano. Esse fragmento já foi analisado sob a perspectiva da Análise do Discurso, mas com base na Análise Crítica do Discurso poderemos compreender conceitos de Fairclough como intertextualidade manifesta e intertextualidade constitutiva. A passagem é a seguinte:

Our commitment to liberty is America’s tradition – declared at our founding; affirmed in Franklin Roosevelt’s Four Freedoms; asserted in the Truman Doctrine and in Ronald Reagan’s challenge to an evil empire. We are committed to freedom in Afghanistan, in Iraq, and in a peaceful Palestine. (01/05/2003)

Analisaremos o fragmento em que há a citação das quatro liberdades do ex-presidente norte-americano Franklin D. Roosevelt. Na perspectiva da Análise Crítica do Discurso proposta por Fairclough, temos a intertextualidade manifesta, em que há a citação de outro discurso (Franklin Roosevelt’s Four Freedoms), mas há também a intertextualidade constitutiva, em que o discurso analisado adota convenções e procedimentos de outros discursos, como por exemplo o ideal de liberdade e a luta contra o Império do Mal, que no discurso de Reagan era simbolizado pela União Soviética, mas que no discurso de Bush é representado por fundamentalistas islâmicos. Ou seja, há citação explícita dos ex-presidentes americanos (intertextualidade manifesta) e a adoção de convenções desses discursos, como o ideal da liberdade e a luta contra aqueles que não compartilham dos mesmos interesses dos norte-americanos.

Com esse apanhado e a reafirmação das vitórias americanas no século XX cria-se uma expectativa de vitória americana no Iraque e o estabelecimento da liberdade e democracia no país árabe e, portanto, um domínio de antecipação, em que há a inter-relação entre fatos presentes e possíveis fatos futuros.

Apesar de apresentarmos conclusões semelhantes às da outra análise sob o foco da Análise do Discurso, julgamos importante analisar esse mesmo fragmento sob o prisma de duas vertentes discursivas.

Com a análise do corpus sob o prisma da Análise Crítica do discurso, tivemos o objetivo de entender a relação intertextual entre os discursos analisados com textos do passado, e como estes significam as palavras do discurso vigente, reforçando ideologias já cristalizadas na memória coletiva norte americana, como a liberdade e o combate aos inimigos externos da nação estadunidense. Em relação à ideologia que perpassa o discurso do estadista norte-americano, nos deteremos nesse aspecto com maiores detalhes na seção a seguir, que será dedicada à ideologia.

## **5. O conceito de ideologia na Análise do Discurso e na Análise Crítica do Discurso**

Nesta seção, trabalharemos com o conceito de ideologia de alguns autores, e para a apresentação desse conceito, utilizaremos a obra de Brandão (2004), Orlandi (2007) e de Ramalho e Resende (2006).

Brandão utiliza o conceito de alguns autores para elucidar a concepção de ideologia. Segundo Chauí<sup>6</sup>, o termo ‘ideologia’ foi criado pelo filósofo Destutt de Tracy em 1810. Brandão nos apresenta a primeira definição sobre ideologia: “ciência positiva do espírito’, ela se opunha à metafísica, à teologia e à psicologia pela exatidão e rigor científicos que propunham como método.”(p.19).

Orlandi, por sua vez, apresenta a ideologia como algo que está presente na interpretação, já que para a autora, não há sentido sem interpretação, sendo esta permeada por uma dada ideologia.

---

<sup>6</sup> CHAUI, M. O que é ideologia. São Paulo: Brasiliense, 1980, apud Brandão (2004)

A autora prossegue apresentando o trabalho da ideologia dentro da língua e da sociedade: “produzir evidências, colocando o homem na relação imaginária com suas condições materiais de existência” (p.46).

Portanto, Orlandi trabalha com a noção de materialidade da linguagem, que é permeada por uma certa ideologia. A autora apresenta essa noção de materialidade da relação língua-história-sujeito, concepção desenvolvida por Pêcheux, no seguinte fragmento: “No entanto nem a linguagem, nem os sentidos nem os sujeitos são transparentes: eles têm sua materialidade e se constituem em processos em que a língua, a história e a ideologia concorrem conjuntamente.” (p.48).

Ramalho e Resende, que trabalham com a noção da Análise Crítica do Discurso, apresentam as definições de Fairclough e de Thompson. Para Fairclough, a ideologia é a significação ou a construção da realidade, e esta é compreendida pelo mundo físico, as relações sociais e as identidades sociais. Fairclough prossegue com a sua definição de ideologia e afirma que as “ideologias são, em princípio, representações, mas podem ser legitimadas em maneiras de ação social e inculcadas nas identidades de agentes sociais”<sup>7</sup>.

As autoras apresentam também o conceito de Thompson, que é um conceito negativo para ideologia. Para Thompson, a ideologia é caracterizada por relações de dominação que favorecem o grupo dominante de uma sociedade.

Para exemplificar essas relações de dominação, Thompson apresenta os modos gerais da ideologia, bem como as suas estratégias. O quadro<sup>8</sup> a seguir apresentará os cinco modos gerais da ideologia, bem como as suas subdivisões:

---

<sup>7</sup> FAIRCLOUGH, N. *Analysing Discourse: textual analysis for social research*. London: Routledge, 2003a, apud Ramalho e Resende (2006)

<sup>8</sup> THOMPSON, J.B. *Ideologia e cultura moderna*. Petrópolis: Vozes, 1995, apud Ramalho e Resende (2006)

<b>MODOS GERAIS DE OPERAÇÃO DA IDEOLOGIA</b>	<b>ESTRATÉGIAS TÍPICAS DE CONSTRUÇÃO SIMBÓLICA</b>
<p><b>Legitimação:</b> Relações de dominação são representadas como legítimas</p>	<p><b>Racionalização:</b> (uma cadeia de raciocínio procura justificar um conjunto de relações)  <b>Universalização:</b> (interesses específicos são apresentados como interesses gerais)  <b>Narrativização:</b> (exigências de legitimação inseridas em histórias do passado que legitimam o presente)</p>
<p><b>Dissimulação:</b> Relações de dominação são ocultadas, negadas ou obscurecidas</p>	<p><b>Deslocamento:</b> (deslocamento contextual de termos e expressões)  <b>Eufemização:</b> (valoração positiva de instituições, ações ou relações)  <b>Tropo:</b> (sinédoque, metonímia, metáfora)</p>
<p><b>Unificação:</b> Construção simbólica de identidade coletiva</p>	<p><b>Padronização:</b> (um referencial padrão proposto como fundamento compartilhado)  <b>Simbolização da Unidade:</b> (construção de símbolos de unidade e identificação coletiva)</p>
<p><b>Fragmentação:</b> Segmentação de indivíduos e grupos que possam representar ameaça ao grupo dominante</p>	<p><b>Diferenciação:</b> (ênfase em características que desunem e impedem a constituição de desafio efetivo)  <b>Expurgo do outro:</b> (construção simbólica do inimigo)</p>

<p><b>Reificação:</b> Retratção de uma situação transitória como permanente e natural</p>	<p><b>Naturalização:</b> (criação social e histórica tratada como acontecimento natural) <b>Eternalização:</b> (fenômenos sociohistóricos apresentados como permanentes) <b>Nominalização/Passivação:</b> (concentração de atenção em certos temas em detrimento de outros, com apagamento de atores e ações)</p>
---	---

O propósito desta seção foi apresentar as definições de ideologia sob o prisma da Análise do Discurso e da Análise Crítica do Discurso e como a ideologia permeia as relações sociais. Nas próximas seções, abordaremos esses conceitos teóricos em nosso corpus, visando à compreensão de como a ideologia perpassa os discursos de George W. Bush. A análise do corpus será baseada nos modos gerais de operação da ideologia de Thompson.

### 5.1. Legitimação: Racionalização, Universalização e Narrativização

Utilizaremos nesta seção o modo de operação da ideologia de legitimação, bem como as suas estratégias, visando à compreensão de nosso corpus. Como foi explicado anteriormente, a legitimação tem a característica de apresentar as relações de dominação como autênticas. Como todo discurso político, os discursos proferidos por Bush têm como característica uma cadeia de raciocínios que proporcionam a legitimação das ações empreendidas por determinado ator social.

Dentro do *modus operandi* da Legitimação, temos a estratégia da racionalização que apresenta uma cadeia de raciocínio que procura justificar um conjunto de relações. O fragmento a seguir nos dará uma noção de como esse conjunto de relações pode legitimar um determinado tipo de movimentação militar, em se tratando do contexto bélico em que os discursos de Bush estão inseridos: “our mission is clear, to disarm Iraq of weapons of

mass destruction, to end Sadddam Hussein's support for terrorism, and to free the Iraq people" (22/03/2003).

Neste fragmento que foi proposto, percebemos a relação ato-consequência dos atos, já que no discurso há a representação um inimigo comum que precisava ser combatido e derrotado, para conseguir, como consequência desse ato, livrar o mundo de um possível perigo nuclear que representaria o regime de Saddam, promovendo a libertação do povo iraquiano e acabando com a possível ligação do governo de Saddam Hussein com terroristas.

Dentro desse raciocínio, há, portanto, a legitimação da ação militar contra o governo de Saddam e a necessidade da ação imediata para livrar os EUA e o mundo de um agressor comum. Se considerarmos o discurso político, especialmente o discurso de guerra, a legitimação torna-se um artifício comum, uma vez que o discurso militarista tem o objetivo de justificar os seus atos e mostrar que uma ação bélica se faz necessária. No fragmento apresentado, cria-se um efeito de sentido de que não só os EUA, como também o mundo tinham um perigo iminente e, portanto, legitimou-se a opção militar como a única saída possível para se resolver o embate.

Ainda analisando o discurso sob o prisma da racionalização, que pretende justificar uma ação empreendida, temos o esboço das ações dos aliados de Saddam Hussein: "the Iraqi regime is terrorizing its own citizens, doing everything possible to maximize Iraqi civilian casualties, and then to exploit the deaths they caused for propaganda" (05/04/2003). Com a criação do arquétipo dos aliados de Saddam, que segundo o discurso seriam capazes de assassinar seus próprios cidadãos, configura-se uma justificação bastante plausível para a ação militar, já que, segundo o discurso, se esse regime era capaz de matar seus próprios compatriotas e usar as suas mortes como propaganda política, o que Saddam Hussein e seus simpatizantes poderiam fazer contra o mundo? Com essa constatação de monstruosidade por parte dos aliados de Saddam, cria-se, no discurso, a necessidade de uma ação militar para eliminar essa ameaça e, portanto, legitima-se o conflito bélico empreendido pelos EUA.

Dentro da ótica da legitimação, temos também as estratégias da universalização e narrativização. Apresentaremos dois fragmentos do corpus e, a seguir, os analisaremos sob a concepção dessas duas estratégias. Os dois fragmentos são os seguintes:

Our cause is just, the security of the nations we serve and the peace of the world (22/03/2003)

The battle of Iraq is one victory in a war on terror that began on September the 11, 2001 – and still goes on. That terrible morning, 19 evil men – the shock troops of hateful ideology – gave America and the civilized world a glimpse of their ambitions. They imagined, in the words of one terrorist, that September the 11th would be the “beginning of the end of America (01/05/2003)

No primeiro exemplo, podemos compreendê-lo sob a ótica da universalização, ou seja, interesses específicos são apresentados como interesses gerais. O interesse específico nesse fragmento é entendido como a ação militar unilateral empreendida pelos EUA, visto que o país não conseguiu o aval do Conselho de Segurança da ONU, mas, no discurso, a ação militar se justifica já que os Estados Unidos estariam defendendo a segurança da nação e a do mundo. Portanto, considerando a estratégia de universalização, temos o discurso saindo da esfera particular para a esfera geral, em que todos se preocupam com a segurança. De acordo com o que é produzido no discurso, a ação militar se justifica para manter a paz mundial, que significa a remoção de um perigo iminente que representava o governo de Saddam Hussein.

No segundo exemplo, a estratégia utilizada é o efeito da narrativização, em que os ataques terroristas são rememorados, inclusive com um discurso direto de um participante do atentado “the beginning of the end of America”. Nota-se o tom profético e ameaçador dessa fala, além da utilização da narrativização de um fato praticamente inédito e extremamente doloroso para a sociedade americana, que foi um ataque empreendido contra os EUA dentro de seu próprio território. Ao utilizar a narrativização, o discurso reativa a memória coletiva norte-americana acerca de um episódio dramático para o país e que, portanto, percorre o sentido de causa-consequência, já que, segundo o discurso, a guerra contra o terror começou naquela manhã: “The battle of Iraq is one victory in a war on terror that began on September the 11, 2001 – and still goes on”. Portanto, ao recorrer a um episódio marcante para o país, no discurso cria-se a imagem da necessidade do conflito bélico para que se evitem mais episódios traumáticos como este e, assim, o apoio público pode ser obtido para uma questão tão delicada para o país como a guerra.



Através da narrativização, cria-se a imagem de que os EUA foi atacado primeiro e que, portanto, teriam o direito de se defender contra possíveis ataques estrangeiros, além de se mobilizar o patriotismo norte-americano, lembrando que a nação foi atacada dentro de seu próprio território e quase três mil compatriotas foram mortos no 11 de setembro.

Esta seção foi dedicada à análise do modo geral de operação da ideologia pela legitimação, bem como as suas estratégias, que tiveram o propósito de justificar o conflito bélico empreendido pelos EUA. Nas próximas seções, nos deteremos em analisar outros movimentos que permitam a compreensão da ideologia dentro dos discursos de Bush.

## **5.2. Estratégia de Construção simbólica: Tropo<sup>9</sup>**

Nesta seção, utilizaremos a estratégia tropo, pertencente ao arcabouço de Thompson, em uma nova configuração, que está mais ligada ao expurgo do inimigo. De acordo com a teoria de Thompson, o tropo é uma estratégia de construção simbólica que faz parte do modo geral de operação da ideologia denominado dissimulação. A Dissimulação é denominada por Thompson, presente na obra de Ramalho e Resende (2006), como as relações de dominação que são ocultadas, negadas ou obscurecidas.

Entretanto, em nosso corpus, a estratégia tropo ganha uma nova configuração, já que estamos em um contexto político-bélico em que as diferenças são exacerbadas. Portanto, a nossa proposta é ligar a estratégia do tropo à desqualificação do oponente, ou seja, nos termos de Thompson, o expurgo do outro, já que com a expressividade obtida através do uso do tropo, a linguagem aponta para grandes contrastes entre os dois grupos oponentes no conflito atual, além de localizar, de maneira mais clara, de que lado estão os dois grupos.

Como todo discurso político, nos discursos que compõem o corpus há a ocorrência de expressões que dão expressividade à linguagem. A metáfora é um desses recursos que tem a função de dar uma maior expressividade à linguagem. A ocorrência de metáfora no discurso se dá principalmente na descrição das atitudes do inimigo, que, com o advento da

---

<sup>9</sup> Nesta seção, abordaremos o conceito de tropo como recurso lingüístico que visa dar expressividade à linguagem, e não como estratégia do modo geral de operação da ideologia denominado Dissimulação, conceito proposto por Thompson.

metáfora, ganham maior ênfase. Os exemplos a seguir ilustrarão o uso da metáfora no discurso:

Iraqi officials have placed troops and equipment in civilian areas, attempting to **use innocent men, women and children as shield for the dictator's army.** (22/03/2003)

They have executed prisoners of war, **waged attacks under the white flag of truce** (29/03/2003)

**By seeking to turn our cities into killing fields,** terrorists and their allies believed that they could destroy this nation's resolve (01/05/2003)

O que podemos entender desses três exemplos é a evocação do caráter e dos objetivos do inimigo, que são amplificados por meio de metáforas. No primeiro exemplo, o caráter covarde dos aliados de Saddam é exacerbado pelo discurso, pois, de acordo com o que é produzido pelo discurso, até mulheres e crianças seriam utilizadas pelo exército de Saddam como escudos humanos. Entende-se com essa visão que o regime de Saddam não poupava nenhum de seus cidadãos e que iam até as últimas conseqüências para empreender os seus intentos.

No segundo exemplo, o caráter traiçoeiro dos aliados de Saddam é amplificado, já que sobre a bandeira branca da trégua - note-se que a simbolização da cor branca na cultura ocidental nos traz o símbolo da paz - eles atacavam no momento em que as tropas aliadas mostram disposição para negociar.

No terceiro exemplo, a imagem produzida é ainda mais forte, pois o termo 'killing fields' apresenta a imagem da morte e do extermínio e, de acordo com o discurso, esses campos de extermínio seriam instalados dentro do território estadunidense.

Portanto, o que entendemos por esses três exemplos é a amplificação das qualidades negativas dos aliados de Saddam e que seriam extremamente contrastantes aos da sociedade ocidental. Sem o emprego da metáfora, essas características não adquiririam a mesma conotação, caso fossem utilizados termos comuns como, por exemplo, "eles atacaram as nossas tropas" ou os "terroristas nos atacaram inesperadamente". Para concluir, a metáfora é um poderoso instrumento empregado no discurso político, principalmente no discurso da guerra, para enfatizar ações e pessoas. Nesse caso, serve o propósito de exacerbar as

qualidades dos atos do inimigo e criar uma polaridade que seria resolvida através de uma ação militar.

### **5.3. Estratégias: padronização, eufemização e expurgo do outro**

Algumas dessas categorias foram trabalhadas na seção sobre os atores sociais, mas as utilizaremos novamente para apresentar o tópico principal do conflito, que é a construção de duas forças antagônicas. A fim de legitimar o propósito norte-americano, é criado dentro do discurso um senso de unidade através da estratégia da padronização. Os exemplos a seguir ilustrarão o conceito de unificação através da padronização:

our coalition is broad, more than 40 countries from across the globe (22/03/2003)

Our entire nation appreciates the sacrifices made by military families, and many citizens who live near military families are showing their support in practical ways, such as by helping with child care, or home repairs (22/03/2003)

Esse senso de unificação por padronização pode ser resumido pelo emprego da palavra “our” que cria um sentido de união e compartilhamento dos mesmos ideais. No primeiro exemplo, além do emprego do termo citado, o emprego de “our coalition is broad” e “more than 40 countries” dão o sentido de unificação e compartilhamento dos mesmos objetivos, além de fornecer uma informação precisa sobre a coalizão militar.

No segundo exemplo, o apelo é ainda mais forte, já que o conflito não só envolve os militares, como também toda a sociedade norte-americana, que é resumida pelo termo “our entire nation”. Com essa estratégia, o sentido construído no discurso é de mostrar que o objetivo é partilhado por todos, que, no caso dos EUA, significa toda a sociedade e, no caso da coalizão, mais de 40 nações.

Para o propósito da coalizão militar ganhar maior credibilidade, há a estratégia da eufemização, que consiste na valoração positiva de instituições, ações e relações. Essas características positivas das pessoas e instituições americanas ganham maior ênfase e expressividade pela estratégia do expurgo do inimigo. Os exemplos a seguir ilustrarão essa dicotomia entre os envolvidos no conflito:

They are showing kindness and respect to the Iraqi people. They are going to extraordinary lengths to spare the lives of the innocent. Our forces are delivering food and water to grateful Iraqi citizens in Safwan and Umm Qasr. The contrast could not be greater between the honorable conduct of liberating force and the criminal acts of the enemy. (29/03/2003)

In areas still under its control, the regime continues its rules by terror. Prisoners of war have been brutalized and executed. Iraqis who refuse to fight for the regime are being murdered. An Iraqi woman was hanged for waving at coalition troops. Some in the military have pretended to surrender, then opened fire on coalition forces that showed them mercy. (29/03/2003)

O contraste entre os oponentes é apresentado no fragmento, pois enquanto as tropas americanas ofereciam ajuda humanitária aos iraquianos, os aliados de Saddam apresentavam exatamente o contrário, ou seja, a morte. O contraste é mostrado explicitamente através dos exemplos que comprovam a bondade e a justiça dos americanos e o caráter brutal dos aliados de Saddam.

Outro contraste importante que é estabelecido entre as forças é o grau de superioridade em que as tropas americanas são colocadas e o grau de inferioridade em que são colocados os aliados de Saddam. Na passagem “Some in the military have pretended to surrender, then opened fire on coalition forces that showed them mercy”, dois símbolos são evocados, misericórdia e traição. Ao se colocar o exército americano na posição de misericordioso, mostra-se que ele tentou negociar, mas que os aliados de Saddam traiçoeiramente abriram fogo contra a coalizão, criando assim dois pólos, o primeiro que é justo e misericordioso e o segundo que é brutal e traiçoeiro.

As diferenças apresentadas nesta seção reforçam o modo como o discurso em questão representa a distinção entre os envolvidos no conflito e dão maior credibilidade para a proposta americana de um conflito militar contra as forças de Saddam Hussein.

## 6. Análise do pronome pessoal ‘we’

Nesta seção, a importância do pronome pessoal, no caso ‘we’, nos discursos políticos será abordada sob o prisma de teorias sobre o tema. Para fundamentar a nossa análise sobre o pronome pessoal, utilizaremos as categorias de Indursky (1996), Grigoletto (2002) e Wilson (1990).

O trabalho de Indursky é a análise do pronome ‘nós’ nos discursos dos presidentes da 3ª República Brasileira (1964-1985). A autora começa o seu capítulo definindo o pronome NÓS sob a concepção de Guespin, que designa o NÓS como “conjuntos não nomeáveis”, cujas fronteiras indefinidas e móveis favorecem a instauração e a indeterminação referencial” (p.49). A autora prossegue com a definição do pronome NÓS, agora sob o conceito de Geffroy<sup>10</sup> que “considera “NÓS” como “a primeira encarnação lingüística do mais de um”, através do qual é possível examinar a passagem do “sujeito falante ao sujeito político” (p.49). Para explicar este último termo, Indursky retoma o conceito de Guespin sobre o funcionamento da relação eu/tu. Baseando-se na concepção de Guespin, Indursky explica a passagem do sujeito falante ao sujeito político da seguinte maneira:

O autor [Guespin] observa que esta relação tem muito pouco a oferecer no que tange a interlocutores sociais. Em seu lugar, surge NÓS que se mostra muito produtivo, pois, por seu intermédio, o sujeito do discurso pode associar-se a referentes muito variados, sem especificá-los lingüisticamente. Esta operação de adjunção é responsável pela “elasticidade” referencial característica de NÓS, daí decorrendo a ambigüidade do que é dito. (p.49)

Em relação à indeterminação causada pelo uso do pronome NÓS, que é entendido na sua generalidade como o eu mais um, o pronome pode adquirir conotações diversas, dependendo do seu uso dentro de um discurso político. Baseando-se no corpus analisado, Indursky classifica 5 tipos de utilização do pronome NÓS, apresentando essa classificação no quadro a seguir (Indursky 1996:50):

---

<sup>10</sup> GREFFROY, Annie. Les noms indistincts. Mots (10), Março, 1985, apud Indursky (1996)

<b>NÍVEL</b>	<b>Descrição do REFERENTE</b>
NÓS 1	Chefe do executivo
NÓS 2	Sistema, Regime, Estado, Revolução
NÓS 3	Governo, gestão, administração
NÓS 4	A coletividade dos brasileiros
NÓS 5	O presidente e um segmento da sociedade (Forças Armadas, Partido, Imprensa, Oposição)

Indursky propôs a classificação das diferentes formas que o pronome NÓS adquire no discurso; entretanto, a autora salienta que pode haver a coexistência de mais de um tipo de NÓS, configurando assim, mais de um efeito de sentido, e contribuindo para a ambigüidade e indeterminação que este pronome provoca dentro de um discurso político.

Grigoletto (2002), por sua vez, analisa em uma das seções de seu trabalho o uso do pronome ‘we’ no discurso colonial britânico na Índia. Em um determinado momento da pesquisa, a autora trabalha com o conceito de ‘we’ inclusivo e do ‘we’ exclusivo, conceitos cunhados por Wilson. Esses conceitos, aplicados principalmente no discurso político, diferem da noção gramatical, que apresenta o pronome pessoal ‘nós’ como a junção do ‘eu’ mais uma outra pessoa ou pessoas, dependendo do contexto.

A autora salienta que Wilson apresenta a noção de ‘we’ inclusivo e exclusivo como característica do discurso político. Grigoletto aponta a distinção dos dois usos, de acordo com a teoria de Wilson:

o “nós” inclusivo, pelas suas possibilidades integrativas e positivas, é usado como forma de angariar a adesão do ouvinte e fazê-lo acreditar na sapiência das ações tomadas; em contrapartida, o uso do “nós” exclusivo serve para que o locutor se precavenha de possíveis críticas e acusações, deixando entrever que algumas ações não são, ou não foram, de sua responsabilidade. (p.175)

Wilson (1990), por sua vez, com o seu conceito de ‘we’ inclusivo e exclusivo, apresenta os diferentes usos do sistema pronominal como uma tentativa do político de

ganhar a fidelidade da população e fazê-la acreditar que as decisões que estão sendo tomadas são as mais indicadas para a nação.

O autor prossegue com a sua análise apontando que a utilização do sistema pronominal produz os seguintes efeitos: a indicação, aceitação, negação e distanciamento de um grupo político de uma determinada ação; revela o viés ideológico desse grupo; reforça a solidariedade dos grupos que compartilham essa ideologia; identifica dentro de um contexto quem são os aliados desta dada proposta ‘conosco’ e quem são os inimigos de um determinado grupo ‘contra nós’.

Portanto, através dos trabalhos dos três autores citados, esta seção é dedicada à abordagem teórica da utilização do pronome pessoal ‘we’, e quais efeitos de sentido esse uso provoca dentro de um determinado discurso. A próxima seção será dedicada à análise desse fenômeno dentro dos discursos do presidente norte-americano George W. Bush, e qual efeito de sentido o uso do pronome ‘we’ provoca dentro do contexto dos discursos presidenciais sobre a guerra do Iraque.

### **6.1.O funcionamento do pronome ‘we’ dentro do discurso político**

Na presente seção, analisaremos a ocorrência do pronome ‘we’ e seus respectivos correspondentes, no caso o possessivo ‘our’ e o oblíquo ‘us’. Nesta parte da análise, utilizaremos a classificação proposta por Indursky sobre o pronome NÓS e, dentro dessa concepção, focaremos, nos discursos de Bush, a análise dos pronomes citados.

O quadro a seguir apresentará a ocorrência do pronome ‘we’ e seus correspondentes possessivo e oblíquo nos discursos de George W. Bush que estão em nosso corpus:

<b>WE</b>	<b>OUR</b>	<b>US</b>
139	98	4

Percebemos a grande ocorrência do pronome pessoal ‘we’ (139) e do possessivo ‘our’ (98), contrastando com a pequena incidência do oblíquo ‘us’ (4). O que pode ser sugerido, a partir destes dados, é o alto grau de envolvimento do governo americano na questão e a sua posição ativa frente aos assuntos referentes ao conflito.

Ao levarmos em consideração a divisão teórica que Indursky faz com o pronome NÓS, o envolvimento do governo americano com a questão fica mais evidente, já que as incidências de NÓS 2, NÓS 3, NÓS 4 e NÓS 5 são muito expressivas no discurso, ao passo que não há ocorrências do NÓS 1 proposto por Indursky, o pronome ‘nós’ representando o chefe do executivo apenas. Pode-se sugerir, com base nas incidências, que a guerra se legitima nos discursos de Bush ora através do envolvimento da administração com o conflito, ora com a inclusão de mais de uma instância governamental, ou ainda pela alusão à coletividade americana ou ao país.

Portanto, faz-se necessário o estabelecimento da seguinte classificação do pronome NÓS dentro do corpus, baseando-nos na classificação de Indursky:

<b>NÍVEL</b>	<b>DESCRIÇÃO DO REFERENTE</b>
NÓS 2	Estados Unidos da América
NÓS 3	Governo, Administração Bush
NÓS 4	Coletividade norte-americana
NÓS 5	Administração Bush + 1 (oposição, aliados e exército)

O NÓS 3 é apresentado pela autora da seguinte maneira: “Trata-se da representação do conjunto lexical não-nomeado – Governo; administração, instâncias constitutivas do Governo – pertencente à esfera pública institucional” (p.51).

Dentro dessa esfera administrativa, o papel da administração Bush no desenrolar do conflito é salientado pelo próprio chefe do executivo, ao apresentar os resultados da guerra em uma entrevista coletiva:



I am pleased with the progress that **we're** [NÓS 3] making in the early stages of a --of the war to rid Iraq of its weapons of mass destruction, and to free the Iraq people from the clutches of a brutal dictatorship. (23/03/2003)

**We** [NÓS 3] have got more troops up north, and **we're** making it very clear to the Turks that **we** [NÓS 3] expect them not to come into Northern Iraq. **We're** [NÓS 3] in constant touch with the Turkish military, as well as Turkish politicians. (23/03/2003)

Nos dois exemplos citados, o papel do governo americano como protagonista do conflito é representado no primeiro trecho através de seus planos militares de derrotar o inimigo. O segundo trecho apresenta o papel da administração Bush em conseguir apoio dentro de seu país para mandar tropas à guerra, além de negociar com governos estrangeiros, no caso a Turquia, sobre o desenrolar da guerra.

Nos dois trechos, o NÓS 3 representa a administração Bush em uma posição ativa no conflito, como fornecedor de mais tropas para o exército americano no primeiro trecho, enquanto no segundo fragmento fica evidenciado seu papel de articulador do conflito, ao negociar com um vizinho do Iraque, a Turquia, o desenvolvimento da guerra.

O NÓS 5 tem destaque em nosso corpus, visto que a ligação entre a administração Bush e o congresso americano é salientada e, por se tratar de um contexto bélico, a relação governo e exército é igualmente afirmada:

**We** [NÓS 5] must give our armed services the support and resources they require. I have asked Congress for a nearly \$75 billion wartime supplemental appropriations bill. This funding would provide fuel for ships, aircraft, and tanks, supplies for **our** troops in the theater of operations, and new high-tech munitions to replace the ones **we** [NÓS 5] have used in the war. (29/03/2003)

No fragmento apresentado, a presença do governo no conflito se dá de forma explícita através do trecho 'we must give our services the support and resources they require', em que o governo tem o objetivo de fornecer suplemento ao exército e esse envolvimento é reforçado pelos termos 'our troops' e 'we have used in the war'.

A presença de NÓS 5 é identificada pelas duas primeiras frases em que há a relação entre o chefe do executivo com outras instâncias governamentais e até com a oposição, uma vez que o governo precisa da aprovação do congresso estadunidense para liberar a

ajuda de 75 bilhões de dólares ao exército norte-americano no Iraque. Indursky afirma que “através de NÓS 5, conforme já afirmamos, o sujeito do discurso se representa associado a diferentes segmentos da sociedade, tais como as classes produtoras, a imprensa, os militares, os adversários políticos, etc” (p.52). O efeito de sentido construído nesses dois fragmentos é de partilhamento dos ideais da guerra entre o governo e uma de suas instâncias, no caso, o exército, e o efeito de concordância entre o governo e a oposição. Neste último caso, a proposta do governo adquire maior legitimidade, uma vez que até a oposição está concordando com o financiamento e o envio de suprimentos às tropas norte-americanas.

Os trechos ‘our troops’ e ‘we have used in the war’ salientam o envolvimento do governo na guerra do Iraque através da união com o exército, que se transforma em uma extensão dos interesses dessa gestão. Entretanto, para o sucesso do exército na guerra, o poder Executivo precisa se unir com o Legislativo, já que a administração Bush necessita da aprovação do Congresso e da oposição para o pacote de ajuda aos soldados americanos no Iraque. Através da ocorrência do NÓS 5, a guerra no Iraque ganha maior importância e o discurso da administração vigente se legitima, visto que a questão é compartilhada pelos poderes Executivo e Legislativo, além de o exército servir de irradiador dos objetivos da administração Bush no Iraque.

Em outro momento do discurso do presidente norte-americano em que ocorre, de acordo com a classificação de Indursky, o NÓS 5, é a menção que Bush faz ao encontro que ele teve com o primeiro-ministro da Inglaterra, Tony Blair: “This week I welcomed Prime Minister Tony Blair to Camp David, where we discussed the progress being made in the war to disarm Iraq, end the dictatorship, and liberate the Iraqi people”.(29/03/2003)

Na passagem citada, há uma espécie de objetivo comum partilhado pelos dois líderes, em que a legitimação do propósito é salientada, já que não só o locutor do discurso empreende a ocupação militar no Iraque, mas também o líder de uma potência econômico-militar da Europa, no caso a Inglaterra, compartilha dos mesmos objetivos. A unificação dos objetivos dos dois líderes é uma forma de reforçar os efeitos de sentido de invadir e derrubar o regime iraquiano.

A questão bélica configura-se num tema comum não só para o governo, mas para a sociedade americana em geral, quando há a citação da coletividade americana. A seguir, a partir dos fragmentos a serem apresentados, analisaremos a coletividade americana:

We'll remove weapons of mass destruction from the hands of mass murderers, and by defending **our** [NÓS 4] own security, we are ridding the people of Iraq from one of the cruelest regimes on earth. **Our** [NÓS 4] entire nation appreciates the sacrifices made by military families, and many citizens who live near military families are showing their support in practical ways, such as by helping with child care, or home repairs.

Nesta passagem, há a socialização do dizer do locutor do discurso que compartilha os seus ideais com a coletividade norte-americana, e o grau de envolvimento é explicitado através de expressões como 'our own security' e 'our entire nation'. O propósito do discurso é comum a toda população estadunidense. Esse fenômeno é classificado por Indursky como NÓS 4, em que o locutor do discurso se associa com seus interlocutores, provocando assim, o efeito de senso comum entre a proposta e a sociedade norte-americana. Com o senso comum que a proposta do discurso adquire com o uso do NÓS 4, cria-se um efeito de adesão coletiva dentro da população americana, um fenômeno comum que é estabelecido dentro dos discursos políticos como forma de obter o apoio da opinião pública em determinada questão.

Esse senso de coletividade e adesão de toda uma nação é reforçado através do NÓS 2, que em nossa pesquisa representa os Estados Unidos da América:

The regime has a history of reckless aggression in the Middle East. It has a deep hatred of America and **our** [NÓS 2] friends. And it has aided, trained and harbored terrorists, including operatives of al Qaeda. (17/03/2003)

The danger is clear: using chemical, biological or, one day, nuclear weapons, obtained with the help of Iraq, the terrorists could fulfill their stated ambitions and kill thousands or hundreds of thousands of innocent people in **our** [NÓS 2] country, or any other. (17/03/2003)

Os termos 'our friends', antecedido de 'America', que representa metonimicamente os EUA, e 'our country' representam o povo americano como nação, configurando, assim, a ocorrência de NÓS 2. Nesse contexto em que o regime iraquiano está à procura de armas

nucleares que poderiam ser utilizadas contra os Estados Unidos, cria-se, nas palavras de Bush, a necessidade de confrontar esse inimigo comum que ameaça a segurança dos Estados Unidos e de seus aliados (our friends).

Portanto, o confronto militar é significado como necessário dentro desse contexto, visto que um inimigo perigoso está ameaçando a segurança de toda uma nação e de seus aliados.

Em suma, o propósito da seção foi a análise da ocorrência do pronome ‘we’ e seus equivalentes nos casos possessivo e oblíquo, para compreender os efeitos de sentido produzidos pelo uso desse pronome nos discursos do presidente norte-americano.

## **6.2. “We” inclusivo e exclusivo**

Nesta seção utilizaremos os conceitos de ‘we’ inclusivo e exclusivo de Wilson (1990) para analisarmos o corpus e buscarmos a compreensão dos efeitos de sentido que determinado uso provoca nos discursos.

O autor define o ‘we’ inclusivo’ quando o sujeito se inclui no discurso provocando o efeito de proximidade entre ele e a proposta apresentada no discurso. O exemplo que Wilson apresenta para explicar a ocorrência de ‘we’ inclusivo no discurso é retirado do cotidiano, em que um médico está na iminência de uma operação, olha para o outro colega e pergunta: “Devemos operar o paciente?”. Na situação descrita, o médico que perguntou se inclui no discurso e na ação a ser desenvolvida.

No ‘we’, exclusivo, por sua vez, o locutor se exclui, e Wilson retira outro exemplo do cotidiano médico, em que o profissional pergunta para o seu paciente: “como estamos indo?”, configurando, obviamente, a pergunta que o médico faz sobre a condição física de seu paciente e não sobre a sua.

O efeito de exclusão e inclusão pode provocar proximidade e distanciamento do locutor frente a determinada questão, dependendo dos efeitos de sentido que os discursos podem provocar.

Wilson exemplifica com um debate entre Jimmy Carter e Gerald Ford nas eleições presidenciais norte-americanas de 1976, em que Carter utiliza os dois tipos de ‘we’ apresentados pelo autor: “Well, I’ve been through this before, Mr Gannon, as the Governor

of Georgia. When I took over **we** had a bureaucratic mess like **we** have in Washington now”. “And **we** cut those 300 agencies and so forth down substantially. **We** eliminated 278 of them”.(p.50)

Neste exemplo, Wilson apresenta a presença de ‘we’ exclusivo e inclusivo que há no discurso de Carter. O candidato falou sobre o problema burocrático que existia no Estado da Geórgia antes dele assumir o governo, e a alusão de que esse problema burocrático pertence ao adversário político Ford: “**we** had a bureaucratic mess like **we** have in Washington now”. Neste excerto, Carter se distanciou através do ‘we’ exclusivo e apresentou esse problema burocrático como não criado por ele.

Logo em seguida, tem-se a ocorrência do ‘we’ inclusivo, e a proximidade de Carter com a proposta apresentada: ‘**we** cut those 300 agencies’. Nesta mudança, Carter é apresentado como a pessoa que solucionou o problema da burocracia no Estado da Geórgia, aproximando-se da proposta apresentada, e apontando-a como a mais correta a ser empregada.

Em relação ao corpus com o qual estamos trabalhando, há uma incidência total do ‘we’ inclusivo’ dentro do discurso, já que o locutor apresenta a proposta do discurso como a mais recomendável para a nação, configurando a proximidade que o locutor tem com a sua proposta.

Esta inclusão do autor se dá de forma explícita, quando ele compartilha o seu ideal com os demais cidadãos da nação, e de forma indireta, quando as forças de coalizão são apresentadas, e criam o sentido de proximidade entre o locutor e as tropas militares.

Os termos como ‘our cause is just’, ‘our mission is clear’ e ‘we will carry out all the duties we have accepted’ (22/03/2003) configuram a proximidade do locutor com a sua proposta e a união dele com o restante da nação através da utilização do pronome ‘we’ e de seus correspondentes nos outros casos.

Em outros exemplos, o envolvimento do locutor é apresentado de maneira indireta, uma vez que as ações do exército americano em território iraquiano são mostradas:

**We** are now fighting the most desperate units of the dictator’s army (29/03/2003)

In recent days, **we** have cleared mines from the water and taken control of a key port city, to allow humanitarian aid to begin flowing into the country (29/03/2003)

This funding would provide fuel for ships, aircraft, and tanks, supplies for troops in the theater of operations, and new high-tech munitions to replace the ones **we** have used in the war (29/03/2003)

Nos exemplos apresentados, o envolvimento do locutor com a ação se dá à distância, ideologicamente, criando-se a ilusão de que ele está envolvido fisicamente no conflito, como podemos compreender em expressões como ‘we have used in the war’ e ‘we are now fighting’. Esses trechos do discurso apresentam uma grande proximidade do locutor com a sua proposta, e isso significa que mesmo a milhares de quilômetros de distância do conflito, o efeito de sentido é de alto grau de envolvimento entre o locutor e seu propósito.

Não há exemplos de ‘we’ exclusivo no corpus, mesmo quando há a separação física entre o governo e as tropas militares que estão em combate no país árabe:

With each new village they liberate, **our** forces are learning more about the atrocities of that regime (05/04/2003)

The future of peace and hopes of the Iraqi people now depend on **our** fighting forces in the Middle East. They are conducting themselves in the highest traditions of the American military. (22/03/2003)

O sentido provocado neste excerto não é o de distanciamento do locutor com a proposta apresentada, mas a valorização do exército estadunidense, apresentando-o individualmente como a instituição que está levando aos iraquianos o propósito apresentado no discurso de George W. Bush. Logo, temos a evidência do uso do ‘we’ inclusivo.

Portanto, o que podemos concluir, de acordo com os exemplos citados, é a grande proximidade do locutor com a proposta apresentada em seu discurso, e mesmo em situações em que há a exclusão do locutor dentro de determinada ação, esta proximidade não é afetada, mas salientada, já que uma instituição pertencente à administração estadunidense está levando o propósito americano a terras estrangeiras, reforçando a legitimidade do propósito, como o locutor proferiu no início de seu discurso: “our cause is just”. (22/03/2003)

## 7. Conclusão

A pesquisa procurou responder as questões propostas na introdução e, através de duas vertentes teóricas da Análise do Discurso, entender o funcionamento dos discursos de Bush e as suas relações com o seu exterior.

As seções apresentaram conceitos teóricos que ajudaram a compreender alguns efeitos de sentido provocados pelo discurso em questão. Na seção 2, discutimos a influência e a relação de interdependência que se estabelece entre os discursos políticos e os meios de comunicação. Percebemos, nesta seção, a função dos meios de comunicação como rádio, televisão e Internet como forma de propagação dos dizeres do presidente norte-americano, não só dirigido aos seus compatriotas, como também à população iraquiana. Um exemplo disso foi o que encontramos em um dos discursos de Bush, quando o presidente falou que o seu discurso estava sendo traduzido por uma rádio com o propósito de atingir à população iraquiana.

Outro fator importante nesta seção foi a relação mútua que se estabeleceu entre os meios de comunicação e os discursos do presidente americano, uma vez que alguns exemplos do corpus foram extraídos de discursos que foram proferidos pelo rádio. Utilizamos também o exemplo de uma entrevista coletiva em que Bush explica o desenrolar da guerra.

Portanto, a nossa análise vai ao encontro das propostas de Gregolin (2003), Courtine (2003 e 2006) e Fairclough (1995) sobre a relação dialética entre os discursos políticos e os meios de comunicação e a influência que um exerce sobre o outro.

Na seção 3, parte mais extensa da pesquisa, trabalhamos com a representação dos atores sociais e como, através de adjetivos e termos que os identificam, foi possível o estabelecimento de dois grupos conflitantes: de um lado, os Estados Unidos e o chamado mundo livre, e do outro, Saddam Hussein e seus aliados.

Através dos adjetivos empregados, o sentido negativo da guerra foi esvaziado e as propostas do grupo encabeçado pelos Estados Unidos se legitimaram, além de se identificar e isolar o inimigo que ameaçava os interesses norte-americanos, Saddam Hussein.

Para se chegar a essa dicotomia, a teorização de van Leeuwen (1996) e o arcabouço de Thompson, este presente na obra de Ramalho e Resende (2006), foram fundamentais. Com a formação desses grupos antagônicos, mostrou-se pertinente estabelecer o diálogo da presente pesquisa com o trabalho de Carmagnani (1996), que apresenta a cobertura de jornais ingleses e brasileiros sobre a guerra do Golfo de 1991.

Em uma de suas seções, Carmagnani aponta para a ‘demonização’ de Saddam e a formação de dois grupos conflitantes como uma forma de legitimação do conflito. Doze anos se passaram entre a Guerra do Golfo e o começo da Guerra do Iraque, e chegamos a resultados semelhantes, mostrando que o recurso de desqualificar o oponente e formar dois grupos estanques não é novidade em se tratando de retórica bélica.

Na seção 4, analisamos conceitos como interdiscurso, intertextualidade e memória discursiva sob dois enfoques: Análise Crítica do Discurso, através dos trabalhos de Fairclough (1992) e Ramalho e Resende (2006), e Análise do Discurso, por meio das obras de Brandão (2004), Grigoletto (2002) e Orlandi (2007).

A memória discursiva foi um conceito muito trabalhado em nossa análise, uma vez que os atentados de 11 de setembro, bem como fatos marcantes da história americana foram reativados, significando e solidificando os dizeres do discurso em questão, e de certa forma, legitimando o atual conflito. Houve a necessidade de separar as duas vertentes, a Análise Crítica do Discurso e Análise do Discurso por haver diferenças em alguns conceitos; entretanto, houve algumas aproximações entre as correntes quando eram encontradas similaridades.

A seção 5 foi dedicada à apresentação do conceito de ideologia e utilizamos as obras de alguns autores já citados. O arcabouço de Thompson e os seus modos gerais de operação da ideologia foram analisados com mais detalhes, depois de trabalharmos com esse conceito na seção que abordou a representação de atores sociais.

A ideologia que entremeia os discursos foi analisada sob a ótica das correntes teóricas citadas e ficou evidenciado que os ideais de liberdade e democracia norte-americanos estavam presentes no discurso em questão, como uma forma de justificar a invasão e ocupação do território iraquiano.

Nesta seção, se fez necessário o estabelecimento do diálogo entre o discurso em questão e o discurso colonialista europeu do século XIX, visto que houve, inclusive, a



utilização de frases parecidas. Por exemplo, no discurso de Bush encontramos “we will bring freedom to the others” (01/05/2003), que parece ecoar frases como “we will bring civilization to the others”, que eram comuns no discurso colonialista europeu do século XIX. Para essa diferença entre Ocidente e Oriente, utilizamos algumas passagens da obra de Said (1990).

Por fim, o uso do pronome ‘we’ foi apresentado sob a ótica da teoria de Indursky (1996) e Wilson (1990). A utilização do pronome ‘we’ e seus correspondentes mostraram o grau de envolvimento e engajamento do governo americano na guerra do Iraque e como determinados usos do pronome provocaram diferentes efeitos de sentido.

Portanto, através da relação dos discursos com a mídia, da memória discursiva, da interdiscursividade, da ideologia que perpassa os discursos e, principalmente, da representação dos atores sociais, procuramos mostrar como, nesse discurso, o estabelecimento de dois blocos conflitantes foi possível, resultando na legitimação do bloco político-militar liderado pelos Estados Unidos e na conseqüente desqualificação do bloco capitaneado por Saddam Hussein.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRANDÃO, H. *Introdução à análise do discurso*. 2ªed. rev. Campinas, SP. Editora da Unicamp, 2004
- CARMAGNANI, Anna Maria Grammatico. *A argumentação e o discurso jornalístico: A questão da heterogeneidade em jornais ingleses e brasileiros*. 1996
- COURTINE, J.J.Os deslizamentos do espetáculo político. In: *Discurso e mídia: a cultura do espetáculo / organizado por Maria do Rosário Gregolin – São Paulo: Claraluz*. 2003. (p.21-47)
- \_\_\_\_\_. *Metamorfoses do discurso político: As derivas da fala pública*; tradutores: Nilton Milanez e Carlos Piovezani Filho. – São Carlos: Claraluz (Coleção Olhares Oblíquos). 2006
- FAIRCLOUGH, N. *Discourse and Social Change*. Cambridge: Polity Press, 1992
- \_\_\_\_\_. *Media Discourse*. London: Edward Arnold.1995
- GREGOLIN, Maria do Rosário. A mídia e a espetacularização da cultura. In: *Discurso e mídia: a cultura do espetáculo / organizado por Maria do Rosário Gregolin – São Paulo: Claraluz (Coleção Olhares Oblíquos)*. 2003. (p.9-17)
- GRIGOLETTO, Marisa. *A resistência das palavras: discurso e colonização britânica na Índia*. Campinas, SP. Editora da Unicamp, 2002
- INDURSKY, Freda. O Cidadão na III<sup>a</sup> República Brasileira. In: *Língua e Cidadania: O português no Brasil*. Eduardo Guimarães e Eni P. Orlandi (org). Campinas, SP, Pontes, 1996, pp. 47-55
- ORLANDI, E. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 7ª edição, Campinas, SP, 2007
- RAMALHO, V e RESENDE, V. *Análise de discurso crítica*. São Paulo. Contexto, 2006
- SAID, Edward W. *Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente*. Tradução: Tomás Rosa Bueno. São Paulo. Companhia das Letras. 1990
- VAN LEEUWEN, T. The representation of social actors. In: *Texts and Practices: Readings in Critical Discourse Analysis*. Edited by Carmen Rosa Caldas-Coulthard and Malcolm Coulthard. London and New York. Routledge, 1996

WILSON, J. *Politically speaking*. Oxford: Basil Blackwell, 1990

<[www.whitehouse.gov / news /releases /2003.html](http://www.whitehouse.gov/news/releases/2003.html)>.Acesso em 16/03/2008.

# **ANEXOS**

## **President Says Saddam Hussein Must Leave Iraq Within 48 Hours**

Remarks by the President in Address to the Nation

The Cross Hall 8:01 P.M. EST **March 17, 2003**

THE PRESIDENT: My fellow citizens, events in Iraq have now reached the final days of decision. For more than a decade, the United States and other nations have pursued patient and honorable efforts to disarm the Iraqi regime without war. That regime pledged to reveal and destroy all its weapons of mass destruction as a condition for ending the Persian Gulf War in 1991.

Since then, the world has engaged in 12 years of diplomacy. We have passed more than a dozen resolutions in the United Nations Security Council. We have sent hundreds of weapons inspectors to oversee the disarmament of Iraq. Our good faith has not been returned.

The Iraqi regime has used diplomacy as a ploy to gain time and advantage. It has uniformly defied Security Council resolutions demanding full disarmament. Over the years, U.N. weapon inspectors have been threatened by Iraqi officials, electronically bugged, and systematically deceived. Peaceful efforts to disarm the Iraqi regime have failed again and again -- because we are not dealing with peaceful men.

Intelligence gathered by this and other governments leaves no doubt that the Iraq regime continues to possess and conceal some of the most lethal weapons ever devised. This regime has already used weapons of mass destruction against Iraq's neighbors and against Iraq's people.

The regime has a history of reckless aggression in the Middle East. It has a deep hatred of America and our friends. And it has aided, trained and harbored terrorists, including operatives of al Qaeda.

The danger is clear: using chemical, biological or, one day, nuclear weapons, obtained with the help of Iraq, the terrorists could fulfill their stated ambitions and kill thousands or hundreds of thousands of innocent people in our country, or any other.

The United States and other nations did nothing to deserve or invite this threat. But we will do everything to defeat it. Instead of drifting along toward tragedy, we will set a course toward safety. Before the day of horror can come, before it is too late to act, this danger will be removed.

The United States of America has the sovereign authority to use force in assuring its own national security. That duty falls to me, as Commander-in-Chief, by the oath I have sworn, by the oath I will keep.

Recognizing the threat to our country, the United States Congress voted overwhelmingly last year to support the use of force against Iraq. America tried to work with the United Nations to address this threat because we wanted to resolve the issue peacefully. We

believe in the mission of the United Nations. One reason the U.N. was founded after the second world war was to confront aggressive dictators, actively and early, before they can attack the innocent and destroy the peace.

In the case of Iraq, the Security Council did act, in the early 1990s. Under Resolutions 678 and 687 -- both still in effect -- the United States and our allies are authorized to use force in ridding Iraq of weapons of mass destruction. This is not a question of authority, it is a question of will.

Last September, I went to the U.N. General Assembly and urged the nations of the world to unite and bring an end to this danger. On November 8th, the Security Council unanimously passed Resolution 1441, finding Iraq in material breach of its obligations, and vowing serious consequences if Iraq did not fully and immediately disarm.

Today, no nation can possibly claim that Iraq has disarmed. And it will not disarm so long as Saddam Hussein holds power. For the last four-and-a-half months, the United States and our allies have worked within the Security Council to enforce that Council's long-standing demands. Yet, some permanent members of the Security Council have publicly announced they will veto any resolution that compels the disarmament of Iraq. These governments share our assessment of the danger, but not our resolve to meet it. Many nations, however, do have the resolve and fortitude to act against this threat to peace, and a broad coalition is now gathering to enforce the just demands of the world. The United Nations Security Council has not lived up to its responsibilities, so we will rise to ours.

In recent days, some governments in the Middle East have been doing their part. They have delivered public and private messages urging the dictator to leave Iraq, so that disarmament can proceed peacefully. He has thus far refused. All the decades of deceit and cruelty have now reached an end. Saddam Hussein and his sons must leave Iraq within 48 hours. Their refusal to do so will result in military conflict, commenced at a time of our choosing. For their own safety, all foreign nationals -- including journalists and inspectors -- should leave Iraq immediately.

Many Iraqis can hear me tonight in a translated radio broadcast, and I have a message for them. If we must begin a military campaign, it will be directed against the lawless men who rule your country and not against you. As our coalition takes away their power, we will deliver the food and medicine you need. We will tear down the apparatus of terror and we will help you to build a new Iraq that is prosperous and free. In a free Iraq, there will be no more wars of aggression against your neighbors, no more poison factories, no more executions of dissidents, no more torture chambers and rape rooms. The tyrant will soon be gone. The day of your liberation is near.

It is too late for Saddam Hussein to remain in power. It is not too late for the Iraqi military to act with honor and protect your country by permitting the peaceful entry of coalition forces to eliminate weapons of mass destruction. Our forces will give Iraqi military units clear instructions on actions they can take to avoid being attacked and destroyed. I urge every member of the Iraqi military and intelligence services, if war comes, do not fight for a dying regime that is not worth your own life.

And all Iraqi military and civilian personnel should listen carefully to this warning. In any conflict, your fate will depend on your action. Do not destroy oil wells, a source of wealth that belongs to the Iraqi people. Do not obey any command to use weapons of mass destruction against anyone, including the Iraqi people. War crimes will be prosecuted. War criminals will be punished. And it will be no defense to say, "I was just following orders."

Should Saddam Hussein choose confrontation, the American people can know that every measure has been taken to avoid war, and every measure will be taken to win it. Americans understand the costs of conflict because we have paid them in the past. War has no certainty, except the certainty of sacrifice.

Yet, the only way to reduce the harm and duration of war is to apply the full force and might of our military, and we are prepared to do so. If Saddam Hussein attempts to cling to power, he will remain a deadly foe until the end. In desperation, he and terrorists groups might try to conduct terrorist operations against the American people and our friends. These attacks are not inevitable. They are, however, possible. And this very fact underscores the reason we cannot live under the threat of blackmail. The terrorist threat to America and the world will be diminished the moment that Saddam Hussein is disarmed.

Our government is on heightened watch against these dangers. Just as we are preparing to ensure victory in Iraq, we are taking further actions to protect our homeland. In recent days, American authorities have expelled from the country certain individuals with ties to Iraqi intelligence services. Among other measures, I have directed additional security of our airports, and increased Coast Guard patrols of major seaports. The Department of Homeland Security is working closely with the nation's governors to increase armed security at critical facilities across America.

Should enemies strike our country, they would be attempting to shift our attention with panic and weaken our morale with fear. In this, they would fail. No act of theirs can alter the course or shake the resolve of this country. We are a peaceful people -- yet we're not a fragile people, and we will not be intimidated by thugs and killers. If our enemies dare to strike us, they and all who have aided them, will face fearful consequences.

We are now acting because the risks of inaction would be far greater. In one year, or five years, the power of Iraq to inflict harm on all free nations would be multiplied many times over. With these capabilities, Saddam Hussein and his terrorist allies could choose the moment of deadly conflict when they are strongest. We choose to meet that threat now, where it arises, before it can appear suddenly in our skies and cities.

The cause of peace requires all free nations to recognize new and undeniable realities. In the 20th century, some chose to appease murderous dictators, whose threats were allowed to grow into genocide and global war. In this century, when evil men plot chemical, biological and nuclear terror, a policy of appeasement could bring destruction of a kind never before seen on this earth.

Terrorists and terror states do not reveal these threats with fair notice, in formal declarations -- and responding to such enemies only after they have struck first is not self-defense, it is suicide. The security of the world requires disarming Saddam Hussein now.

As we enforce the just demands of the world, we will also honor the deepest commitments of our country. Unlike Saddam Hussein, we believe the Iraqi people are deserving and capable of human liberty. And when the dictator has departed, they can set an example to all the Middle East of a vital and peaceful and self-governing nation.

The United States, with other countries, will work to advance liberty and peace in that region. Our goal will not be achieved overnight, but it can come over time. The power and appeal of human liberty is felt in every life and every land. And the greatest power of freedom is to overcome hatred and violence, and turn the creative gifts of men and women to the pursuits of peace.

That is the future we choose. Free nations have a duty to defend our people by uniting against the violent. And tonight, as we have done before, America and our allies accept that responsibility.

Good night, and may God continue to bless America.

END 8:15 P.M. EST



## **President Bush Addresses the Nation**

The Oval Office 10:16 P.M. EST **March 19, 2003**

THE PRESIDENT: My fellow citizens, at this hour, American and coalition forces are in the early stages of military operations to disarm Iraq, to free its people and to defend the world from grave danger.

On my orders, coalition forces have begun striking selected targets of military importance to undermine Saddam Hussein's ability to wage war. These are opening stages of what will be a broad and concerted campaign. More than 35 countries are giving crucial support -- from the use of naval and air bases, to help with intelligence and logistics, to the deployment of combat units. Every nation in this coalition has chosen to bear the duty and share the honor of serving in our common defense.

To all the men and women of the United States Armed Forces now in the Middle East, the peace of a troubled world and the hopes of an oppressed people now depend on you. That trust is well placed.

The enemies you confront will come to know your skill and bravery. The people you liberate will witness the honorable and decent spirit of the American military. In this conflict, America faces an enemy who has no regard for conventions of war or rules of morality. Saddam Hussein has placed Iraqi troops and equipment in civilian areas, attempting to use innocent men, women and children as shields for his own military -- a final atrocity against his people.

I want Americans and all the world to know that coalition forces will make every effort to spare innocent civilians from harm. A campaign on the harsh terrain of a nation as large as California could be longer and more difficult than some predict. And helping Iraqis achieve a united, stable and free country will require our sustained commitment.

We come to Iraq with respect for its citizens, for their great civilization and for the religious faiths they practice. We have no ambition in Iraq, except to remove a threat and restore control of that country to its own people.

I know that the families of our military are praying that all those who serve will return safely and soon. Millions of Americans are praying with you for the safety of your loved ones and for the protection of the innocent. For your sacrifice, you have the gratitude and respect of the American people. And you can know that our forces will be coming home as soon as their work is done.

Our nation enters this conflict reluctantly -- yet, our purpose is sure. The people of the United States and our friends and allies will not live at the mercy of an outlaw regime that threatens the peace with weapons of mass murder. We will meet that threat now, with our Army, Air Force, Navy, Coast Guard and Marines, so that we do not have to meet it later with armies of fire fighters and police and doctors on the streets of our cities.

Now that conflict has come, the only way to limit its duration is to apply decisive force. And I assure you, this will not be a campaign of half measures, and we will accept no outcome but victory.

My fellow citizens, the dangers to our country and the world will be overcome. We will pass through this time of peril and carry on the work of peace. We will defend our freedom. We will bring freedom to others and we will prevail.

May God bless our country and all who defend her.

END 10:20 P.M. EST

## **President Discusses Beginning of Operation Iraqi Freedom March 22, 2003**

President's Radio Address THE PRESIDENT: Good morning. American and coalition forces have begun a concerted campaign against the regime of Saddam Hussein. In this war, our coalition is broad, more than 40 countries from across the globe. Our cause is just, the security of the nations we serve and the peace of the world. And our mission is clear, to disarm Iraq of weapons of mass destruction, to end Saddam Hussein's support for terrorism, and to free the Iraqi people.

The future of peace and the hopes of the Iraqi people now depend on our fighting forces in the Middle East. They are conducting themselves in the highest traditions of the American military. They are doing their job with skill and bravery, and with the finest of allies beside them. At every stage of this conflict the world will see both the power of our military, and the honorable and decent spirit of the men and women who serve.

In this conflict, American and coalition forces face enemies who have no regard for the conventions of war or rules of morality. Iraqi officials have placed troops and equipment in civilian areas, attempting to use innocent men, women and children as shields for the dictator's army. I want Americans and all the world to know that coalition forces will make every effort to spare innocent civilians from harm.

A campaign on harsh terrain in a vast country could be longer and more difficult than some have predicted. And helping Iraqis achieve a united, stable, and free country will require our sustained commitment. Yet, whatever is required of us, we will carry out all the duties we have accepted.

Across America this weekend, the families of our military are praying that our men and women will return safely and soon. Millions of Americans are praying with them for the safety of their loved ones and for the protection of all the innocent. Our entire nation appreciates the sacrifices made by military families, and many citizens who live near military families are showing their support in practical ways, such as by helping with child care, or home repairs. All families with loved ones serving in this war can know this: Our forces will be coming home as soon as their work is done.

Our nation entered this conflict reluctantly, yet with a clear and firm purpose. The people of the United States and our friends and allies will not live at the mercy of an outlaw regime that threatens the peace with weapons of mass murder. Now that conflict has come, the only way to limit its duration is to apply decisive force. This will not be a campaign of half-measures. It is a fight for the security of our nation and the peace of the world, and we will accept no outcome but victory.

Thank you for listening.

END

## President Discusses Military Operation

For Immediate Release  
Office of the Press Secretary  
March 23, 2003

**March 23, 2003**

Remarks by the President in Press Availability Upon Return From Camp David

1:00 P.M. EST

THE PRESIDENT: I am pleased with the progress that we're making in the early stages of a -- of the war to rid Iraq of its weapons of mass destruction, and to free the Iraqi people from the clutches of a brutal dictatorship.

Today, in our church service, Laura and I prayed for the coalition forces, those in the coalition forces who lost their lives. We pray for their families. We ask God's comfort for those who mourn today. And we thank all the coalition forces for their bravery and courage in Operation Iraqi Freedom.

It is evident that it's going to take a while to achieve our objective, but we're on course, we're determined, and we're making good progress.

I'll answer a few questions.

Q Sir, have you seen the tape --

Q Mr. President --

THE PRESIDENT: One at a time, please. Scott. Thank you.

Q What do you know about the prisoners, anything, sir?

THE PRESIDENT: I've been briefed, I'm constantly briefed by the Pentagon and through the National Security Office. I would -- I don't know all the details yet. I do know that we expect them to be treated humanely, just like we'll treat any prisoners of theirs that we capture humanely.

I think it's an interesting contrast that a lot of their soldiers welcome American troops, they're surrendering gleefully, happily. And they'll be treated well. And I ask you to ask the Defense Department for further details.

Patsy.

Q Sir, what do you know about Saddam Hussein and his fate, if anything?

THE PRESIDENT: I know that Saddam Hussein is losing control of his country, that we're slowly, but surely, achieving our objective.

It's important for the American people to realize that this war has just begun, that it may -- it may seem like a long time because of all the action on TV, but in terms of the overall strategy, we're just in the beginning phases, and that we're executing a plan which will make it easier to achieve objective, and at the same time, spare innocent life.

And I'm most proud of our troops and coalition troops for showing their bravery and skill.

Larry.

Q Mr. President, do you know -- at this point, can you tell Americans, I mean, is the war progressing the way you expected it to?

THE PRESIDENT: Yes, Larry, it is. It is -- and I -- the air campaign is achieving its objective, and the ground campaign is also achieving objective. We're slowly, but surely, taking control of that country so that we can free the people of Iraq and eventually clear that country of weapons of mass destruction. We've made good progress.

One of the big concerns early on was the Southern oil fields. As you all remember, we had discussions about that. There was a lot of speculation about whether or not coalition forces would be able to get to the Southern oil fields in time, before -- so that Saddam Hussein wouldn't destroy them. As a matter of fact, I had frequently talked about the Southern oil fields -- or oil fields in general -- in my declaratory policy.

Tommy Franks put a plan in place that moved on those oil fields quickly, and at least in the south, they are secure. And that is positive news for all of us. Most of the south is now in coalition hands. Obviously, there's pockets of resistance in a place like Basra. We're making great progress -- in the west, we're making great progress. The area, the launch sites for the scuds, while certainly not a hundred percent secure, but we've made good progress.

And so I can assure the American people we're making good progress, and I also can assure them that this is just the beginning of a tough fight.

Q Sir, have you specifically been told that American POWs have been executed? And even --

THE PRESIDENT: I have not been told that. I have been told that we have a problem with potential capture. I'm waiting to -- when I get back upstairs I'll talk back to the Pentagon again. I was told early this morning that perhaps our troops were captured. Maybe between the time I left Camp David and here I'll learn more. But I am concerned about our troops. Obviously, any time one of our soldiers loses a life, I grieve with their parents and their loved ones. And if there is somebody captured, and it looks like there may be, I expect those people to be treated humanely.

Q Sir, what is your level of confidence that the Iraqi regime will surrender or collapse before U.S. forces need to be engaged in a fight in Baghdad?

THE PRESIDENT: I -- all I know is we've got a game plan, a strategy to free the Iraqi people from Saddam Hussein and rid his country of weapons of mass destruction, and we're on plan.

Bill. And then Mike.

Q Iraqi TV has shown what appear to be American POWs, and also what appear to be American dead. Your reaction?

THE PRESIDENT: I expect them to be treated, the POWs I expect to be treated humanely. And -- just like we're treating the prisoners that we have captured humanely. If not, the people who mistreat the prisoners will be treated as war criminals.

Mike.

Q Mr. President, do you retain hope that Saddam Hussein will go into exile, and are there any active negotiations about that?

THE PRESIDENT: You know, Mike, I -- he had his chance to go into exile. I gave him a 48-hour ultimatum to leave the country so that we could disarm Iraq peacefully; he chose not to go into exile.

Q Mr. President, how concerned are you about the situation in the north and Turkey's statement that they will send troops in there and that Americans might get caught in some kind of cross-fire up there?

THE PRESIDENT: We have got more troops up north, and we're making it very clear to the Turks that we expect them not to come into Northern Iraq. We're in constant touch with the Turkish military, as well as Turkish politicians. They know our policy, and it's a firm policy. And we've made it very clear to them we expect them not to go into Northern Iraq, as well as -- and they know we're working with the Kurds to make sure there's not an incident that would cause there to be an excuse to go into Northern Iraq.

Q Mr. President, what are you saying to the families of those U.S. soldiers who appear to be killed or captured, and are paraded on television --

THE PRESIDENT: I say to the families, thank -- I thank them for the sacrifice they make, and we pray with them. I pray for God's comfort and God's healing powers, to anybody, coalition force, American, Brit, anybody who loses a life in this -- in our efforts to make the world more peaceful and more free.

Ed.

Q Mr. President, are you surprised the enemy has not used any weapons of mass destruction?

THE PRESIDENT: I am thankful the enemy has not used any weapons of mass destruction. And we will continue employing a strategy to make it difficult for the enemy to use weapons of mass destruction.

A couple more, then I've got to go.

Q Mr. President, what will you be telling the congressional leaders tomorrow about the cost --

THE PRESIDENT: Wait until I talk to them. It's probably best they hear it directly from me.

Q Mr. President, to your knowledge, is there any hope of getting these soldiers back?

THE PRESIDENT: What?

Q To your knowledge, is there any chance of getting these soldiers back?

THE PRESIDENT: Of course.

Q Mr. President, how swiftly do you expect -- to get humanitarian aid --

THE PRESIDENT: Good question. I appreciate you asking that question. The question is on humanitarian aid. In the south of Iraq, coalition forces have worked hard to make the port area secure, to make the transit of humanitarian aid as safe as possible. As -- I was told this morning in my briefings that humanitarian aid should begin moving -- massive amounts of humanitarian aid should begin moving within the next 36 hours. And that's going to be very positive news for a lot of people who have suffered a long time under Saddam Hussein.

We've got a massive ground assault going on, and right behind it will be a massive movement of humanitarian aid, to help the people of Iraq. We have made that promise to the people of this country that we will do everything we can to protect innocent life. And we're doing that. And we'll do everything we can to help the Iraqi people. First thing, of course, that will help the Iraqi people is to rid them from a brutal dictator, somebody who has stayed in power through mutilation and rape and torture. Somebody who has starved his own people so he could build palaces. When free from that dictatorship, life will be a lot better.

But we also understand we have an obligation -- and this is just not America, it's coalition forces -- have an obligation to put food and medicine in places so the Iraqi people can live a normal life and have hope. And that's exactly what's going to happen shortly when the area is completely -- safe enough to move the equipment forward.

Listen, thank you all.

Q How are you holding up, sir?

THE PRESIDENT: I feel just fine.

END 1:10 P.M. EST

**President Discusses Iraqi Freedom Progress in Radio Address March 29, 2003** For  
Immediate Release  
Office of the Press Secretary  
March 29, 2003

Radio Address by the President to the Nation THE PRESIDENT: Good morning. This week I welcomed Prime Minister Tony Blair to Camp David, where we discussed the progress being made in the war to disarm Iraq, end the dictatorship, and liberate the Iraqi people. Thanks to our fighting forces, the regime that once terrorized all of Iraq now controls a small portion of that country. American and coalition troops have continued a steady advance, and are now less than 50 miles from Baghdad.

In recent days, we have cleared mines from the water and taken control of a key port city, to allow humanitarian aid to begin flowing into the country. We have secured more than 600 oil wells and have begun putting out the few oil well fires set by the enemy. Our efforts to protect the wealth that belongs to the Iraqi people are paying off.

And we have prevented the dictator from launching missiles from key sites in western Iraq. We are now fighting the most desperate units of the dictator's army. The fighting is fierce and we do not know its duration, yet we know the outcome of this battle: The Iraqi regime will be disarmed and removed from power. Iraq will be free.

In the last week the world has seen firsthand the cruel nature of a dying regime. In areas still under its control, the regime continues its rule by terror. Prisoners of war have been brutalized and executed. Iraqis who refuse to fight for the regime are being murdered. An Iraqi woman was hanged for waving at coalition troops. Some in the Iraqi military have pretended to surrender, then opened fire on coalition forces that showed them mercy.

Given the nature of this regime, we expect such war crimes, but we will not excuse them. War criminals will be hunted relentlessly and judged severely.

In the last week, the world has also seen the nature of the young men and women who fight on our behalf. They are showing kindness and respect to the Iraqi people. They are going to extraordinary lengths to spare the lives of the innocent. Our forces are delivering food and water to grateful Iraqi citizens in Safwan and Umm Qasr. The contrast could not be greater between the honorable conduct of our liberating force and the criminal acts of the enemy.

Every atrocity has confirmed the justice and urgency of our cause. Against this enemy, we will accept no outcome but complete and final victory. To meet this objective, we must give our armed services the support and resources they require. I have asked Congress for a nearly \$75 billion wartime supplemental appropriations bill. This funding would provide fuel for ships, aircraft, and tanks, supplies for our troops in the theater of operations, and new high-tech munitions to replace the ones we have used in the war. The supplemental would also provide funds to assist in the reconstruction of Iraq, and to help protect the American homeland in this time of high alert. I hope the Congress will act quickly to pass this essential measure.

The people who serve in the military are giving their best to this country. We have the responsibility to give them our full support as they fight for the liberty of an oppressed people, for the security of the United States, and for the peace of the world. Thank you for listening.



For Immediate Release  
Office of the Press Secretary  
April 5, 2003  
President's Radio Address

**THE PRESIDENT:** Good morning. American and coalition forces are steadily advancing against the regime of Saddam Hussein. With each new village they liberate, our forces are learning more about the atrocities of that regime, and the deep fear the dictator has instilled in the Iraqi people. Yet no crime of this dying regime will divert us from our mission. We will not stop until Iraq is free.

This week, coalition forces have been clearing southern cities and towns of Saddam's death squads and enforcers. Our Special Forces and Army paratroopers, working with Kurdish militia, have opened a northern front against the enemy. In the town of Najaf, members of our 101st Airborne Division have been welcomed as liberators. At An-Nasiriyah, Marines continue to eliminate the enemy while other Army and Marine units have closed in on Baghdad. From the skies above, coalition aircraft and cruise missiles are removing hundreds of military targets from the map.

As the vise tightens on the Iraqi regime, some of our enemies have chosen to fill their final days with acts of cowardice and murder. In combat, Saddam's thugs shield themselves with women and children. They have killed Iraqi citizens who welcome coalition troops, and they have forced other Iraqis into battle by threatening to torture or kill their families. They have executed prisoners of war, waged attacks under the white flag of truce, and concealed combat forces in civilian neighborhoods, schools, hospitals and mosques. In this war, the Iraqi regime is terrorizing its own citizens, doing everything possible to maximize Iraqi civilian casualties, and then to exploit the deaths they have caused for propaganda. These are war criminals, and they'll be treated as war criminals.

In stark contrast, the citizens of Iraq are coming to know what kind of people we have sent to liberate them. American forces and our allies are treating innocent civilians with kindness and showing proper respect to the soldiers who surrender. The people of the United States are proud of the honorable conduct of our military. And I am proud to lead such brave and decent Americans.

In recent days, we have also brought food and water and medicine to the Iraqi people. We're delivering emergency rations to the hungry. Right now, cargo ships are bound for Iraq, carrying wheat from Oklahoma, Kansas, and Texas -- enough to feed 4.5 million Iraqis for one month. Additional food, supplied by the World Food Program, is moving by truck convoy across the Turkish border into northern Iraq.

We are bringing aid to the long suffering people of Iraq, and we are bringing something more: we are bringing hope. One Iraqi, when the coalition troops arrived, described the emotions of his village: They were waiting for you, he said, and all the people believe that America and Britain have come to liberate them, not to conquer.

Village by village, city by city, liberation is coming. The people of Iraq have my pledge: Our fighting forces will press on until their oppressors are gone and their whole country is free. By our actions in this war, we serve a great and just cause. Free nations will not sit and wait, leaving enemies free to plot another September the 11th -- this time, perhaps, with chemical, biological, or nuclear terror. We'll remove weapons of mass destruction from the hands of mass murderers. And by defending our own security, we are ridding the people of Iraq from one of the cruelest regimes on earth. The United States and our allies pledged to act if the dictator did not disarm. The regime in Iraq is now learning that we keep our word.

## **President Bush Announces Major Combat Operations in Iraq Have Ended**

Remarks by the President from the USS Abraham Lincoln

At Sea Off the Coast of San Diego, California **May 1, 2003**

THE PRESIDENT: Thank you all very much. Admiral Kelly, Captain Card, officers and sailors of the USS Abraham Lincoln, my fellow Americans: Major combat operations in Iraq have ended. In the battle of Iraq, the United States and our allies have prevailed. (Applause.) And now our coalition is engaged in securing and reconstructing that country.

In this battle, we have fought for the cause of liberty, and for the peace of the world. Our nation and our coalition are proud of this accomplishment -- yet, it is you, the members of the United States military, who achieved it. Your courage, your willingness to face danger for your country and for each other, made this day possible. Because of you, our nation is more secure. Because of you, the tyrant has fallen, and Iraq is free. (Applause.)

Operation Iraqi Freedom was carried out with a combination of precision and speed and boldness the enemy did not expect, and the world had not seen before. From distant bases or ships at sea, we sent planes and missiles that could destroy an enemy division, or strike a single bunker. Marines and soldiers charged to Baghdad across 350 miles of hostile ground, in one of the swiftest advances of heavy arms in history. You have shown the world the skill and the might of the American Armed Forces.

This nation thanks all the members of our coalition who joined in a noble cause. We thank the Armed Forces of the United Kingdom, Australia, and Poland, who shared in the hardships of war. We thank all the citizens of Iraq who welcomed our troops and joined in the liberation of their own country. And tonight, I have a special word for Secretary Rumsfeld, for General Franks, and for all the men and women who wear the uniform of the United States: America is grateful for a job well done. (Applause.)

The character of our military through history -- the daring of Normandy, the fierce courage of Iwo Jima, the decency and idealism that turned enemies into allies -- is fully present in this generation. When Iraqi civilians looked into the faces of our servicemen and women, they saw strength and kindness and goodwill. When I look at the members of the United States military, I see the best of our country, and I'm honored to be your Commander-in-Chief. (Applause.)

In the images of falling statues, we have witnessed the arrival of a new era. For a hundred of years of war, culminating in the nuclear age, military technology was designed and deployed to inflict casualties on an ever-growing scale. In defeating Nazi Germany and Imperial Japan, Allied forces destroyed entire cities, while enemy leaders who started the conflict were safe until the final days. Military power was used to end a regime by breaking a nation.

Today, we have the greater power to free a nation by breaking a dangerous and aggressive regime. With new tactics and precision weapons, we can achieve military objectives without directing violence against civilians. No device of man can remove the tragedy from

war; yet it is a great moral advance when the guilty have far more to fear from war than the innocent. (Applause.)

In the images of celebrating Iraqis, we have also seen the ageless appeal of human freedom. Decades of lies and intimidation could not make the Iraqi people love their oppressors or desire their own enslavement. Men and women in every culture need liberty like they need food and water and air. Everywhere that freedom arrives, humanity rejoices; and everywhere that freedom stirs, let tyrants fear. (Applause.)

We have difficult work to do in Iraq. We're bringing order to parts of that country that remain dangerous. We're pursuing and finding leaders of the old regime, who will be held to account for their crimes. We've begun the search for hidden chemical and biological weapons and already know of hundreds of sites that will be investigated. We're helping to rebuild Iraq, where the dictator built palaces for himself, instead of hospitals and schools. And we will stand with the new leaders of Iraq as they establish a government of, by, and for the Iraqi people. (Applause.)

The transition from dictatorship to democracy will take time, but it is worth every effort. Our coalition will stay until our work is done. Then we will leave, and we will leave behind a free Iraq. (Applause.)

The battle of Iraq is one victory in a war on terror that began on September the 11, 2001 -- and still goes on. That terrible morning, 19 evil men -- the shock troops of a hateful ideology -- gave America and the civilized world a glimpse of their ambitions. They imagined, in the words of one terrorist, that September the 11th would be the "beginning of the end of America." By seeking to turn our cities into killing fields, terrorists and their allies believed that they could destroy this nation's resolve, and force our retreat from the world. They have failed. (Applause.)

In the battle of Afghanistan, we destroyed the Taliban, many terrorists, and the camps where they trained. We continue to help the Afghan people lay roads, restore hospitals, and educate all of their children. Yet we also have dangerous work to complete. As I speak, a Special Operations task force, led by the 82nd Airborne, is on the trail of the terrorists and those who seek to undermine the free government of Afghanistan. America and our coalition will finish what we have begun. (Applause.)

From Pakistan to the Philippines to the Horn of Africa, we are hunting down al Qaeda killers. Nineteen months ago, I pledged that the terrorists would not escape the patient justice of the United States. And as of tonight, nearly one-half of al Qaeda's senior operatives have been captured or killed. (Applause.)

The liberation of Iraq is a crucial advance in the campaign against terror. We've removed an ally of al Qaeda, and cut off a source of terrorist funding. And this much is certain: No terrorist network will gain weapons of mass destruction from the Iraqi regime, because the regime is no more. (Applause.)

In these 19 months that changed the world, our actions have been focused and deliberate and proportionate to the offense. We have not forgotten the victims of September the 11th - the last phone calls, the cold murder of children, the searches in the rubble. With those attacks, the terrorists and their supporters declared war on the United States. And war is what they got. (Applause.)

Our war against terror is proceeding according to principles that I have made clear to all: Any person involved in committing or planning terrorist attacks against the American people becomes an enemy of this country, and a target of American justice. (Applause.)

Any person, organization, or government that supports, protects, or harbors terrorists is complicit in the murder of the innocent, and equally guilty of terrorist crimes.

Any outlaw regime that has ties to terrorist groups and seeks or possesses weapons of mass destruction is a grave danger to the civilized world -- and will be confronted. (Applause.)

And anyone in the world, including the Arab world, who works and sacrifices for freedom has a loyal friend in the United States of America. (Applause.)

Our commitment to liberty is America's tradition -- declared at our founding; affirmed in Franklin Roosevelt's Four Freedoms; asserted in the Truman Doctrine and in Ronald Reagan's challenge to an evil empire. We are committed to freedom in Afghanistan, in Iraq, and in a peaceful Palestine. The advance of freedom is the surest strategy to undermine the appeal of terror in the world. Where freedom takes hold, hatred gives way to hope. When freedom takes hold, men and women turn to the peaceful pursuit of a better life. American values and American interests lead in the same direction: We stand for human liberty. (Applause.)

The United States upholds these principles of security and freedom in many ways -- with all the tools of diplomacy, law enforcement, intelligence, and finance. We're working with a broad coalition of nations that understand the threat and our shared responsibility to meet it. The use of force has been -- and remains -- our last resort. Yet all can know, friend and foe alike, that our nation has a mission: We will answer threats to our security, and we will defend the peace. (Applause.)

Our mission continues. Al Qaeda is wounded, not destroyed. The scattered cells of the terrorist network still operate in many nations, and we know from daily intelligence that they continue to plot against free people. The proliferation of deadly weapons remains a serious danger. The enemies of freedom are not idle, and neither are we. Our government has taken unprecedented measures to defend the homeland. And we will continue to hunt down the enemy before he can strike. (Applause.)

The war on terror is not over; yet it is not endless. We do not know the day of final victory, but we have seen the turning of the tide. No act of the terrorists will change our purpose, or weaken our resolve, or alter their fate. Their cause is lost. Free nations will press on to victory. (Applause.)

Other nations in history have fought in foreign lands and remained to occupy and exploit. Americans, following a battle, want nothing more than to return home. And that is your direction tonight. (Applause.) After service in the Afghan -- and Iraqi theaters of war -- after 100,000 miles, on the longest carrier deployment in recent history, you are homeward bound. (Applause.) Some of you will see new family members for the first time -- 150 babies were born while their fathers were on the Lincoln. Your families are proud of you, and your nation will welcome you. (Applause.)

We are mindful, as well, that some good men and women are not making the journey home. One of those who fell, Corporal Jason Mileo, spoke to his parents five days before his death. Jason's father said, "He called us from the center of Baghdad, not to brag, but to tell us he loved us. Our son was a soldier."

Every name, every life is a loss to our military, to our nation, and to the loved ones who grieve. There's no homecoming for these families. Yet we pray, in God's time, their reunion will come.

Those we lost were last seen on duty. Their final act on this Earth was to fight a great evil and bring liberty to others. All of you -- all in this generation of our military -- have taken up the highest calling of history. You're defending your country, and protecting the innocent from harm. And wherever you go, you carry a message of hope -- a message that is ancient and ever new. In the words of the prophet Isaiah, "To the captives, 'come out,' -- and to those in darkness, 'be free.'"

Thank you for serving our country and our cause. May God bless you all, and may God continue to bless America. (Applause.)

END 6:27 P.M. PDT